ANO 15.º — LISBOA — SEXTA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 1935 — N.º 4585

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O DR. Amos, ex-medico chefe da prisão de Sing-Sing, está publicando as suas memorias no «Diario de Madrid» e conta haver entrado um dia ali uma mulher chamada mrs. Buzi, condenada a morrer na cadeira electrica. Enquanto esperava o dia da sentença, mrs. Buzi pediu ao director que lhe permitisse decorar as horriveis paredes da cela. Foi autorizada e recebeu para tal fim alguns metros de cretone com que revestiu as três paredes, porque a quarta era constituida por grades de ferro que davam para o patio dos presos. Estes viram o quarto decorado, e julgaram até ver que mrs. Buzi havia substituido o uniforme preto por uma bata côr de rosa que lhe deixava a descoberto os braços morenos. As imaginações exaltaram-se e todos começaram pedindo licença para lhe fazer presentes. Os da oficina de carpinteiro ofereceram construir os moveis, os da oficina de pintura, pintaram-nos. E todos ofereceram objectos de sua invenção, e até esculturas feitas com miolo de pão. A imagem de mrs. Buzi passou a estar á cabeceira de todos os presos.

— Se chegam a matá-la, amotinamo-nos! — declarou um condenado á morte ao qual restava apenas um dia de vida.

Feita a revisão do processo, foi indultada mrs. Buzi; e a alegria atingiu proporções fantasticas no grande carcere dos condenados á morte.

★ ★ ★

O PRINCIPE de Gales está em Nice, incognito, sob o titulo de conde de Chester. Não frequenta o Casino, e passa o tempo lendo livros de sociologia e memorias politicas. Quando sai é com oculos pretos, e para passear em canôa ou ir pessoalmente fazer as suas compras. Os veraneantes que o conhecem, respeitam-lhe o incognito. Com o principe vivem lord e lady Brownlaw sir Aird, mistress Simpson e um criado particular.

Uma unica vez o principe saiu á noite, convidado pelo antigo pugilista francês Carpentier, que hoje ali é proprietario dum bar, mas nessa noite, e nos seus passeios diurnos, notou-se que o principe tem mais rugas no rosto, reflectindo preocupações. E o principe já não lança aquelas modas que lhe atribuem. O principe está triste. Que terá o principe

★ ★ ★

NA fauna da Etiopia ha um gato que pertence á especie «cievta» e que dá largas á sua ferocidade de carnivoro em sortidas nocturnas. Para lograr os seus fins dispõe de duas bolsas com um liquido que arroja quando quere, e cuja pestilencia é inaguentavel para o olfato humano. O mais curioso é ser este liquido um dos mais preciosos componentes para a fabricação da essencia de Jasmim.

Assim os etiopes pudessem fabricar a essencia da paz com a pestilencia guerreira que sobre eles pretendem arrojar...

Não crêmos na guerra

O conflito italo-etiope trás o mundo alvoroçado. Vai haver guerra?

Noventa por cento dos mortais acreditam na desgraça.

Preguntamos: esta desgraça está na logica?

E respondemos: não está.

E' talvez por isso que uma maioria imensa crê na guerra, e apenas uma minoria se dá a acreditar, ingenuamente, que — ainda neste momento confuso — haja o que houver, haverá tudo, menos guerra. Porque a logica é inimiga da politica, ou esta daquela, o que tanto importa.

A ditadura de Mussolini precisa da guerra, mais do que a Italia precisa de concessões territoriais e economicas na velha Abissinia, coração da Etiopia. Esta parece ser a verdade, e não dizemos que o seja porque em caso de tanta transcendencia dar-se alguem a pensador profeta equivale a dar-se a Cesar.

De tudo se ouve falar: sacrificios de tesouro, conflagração generalizada, perigos de cáos politico. De vitimas da guerra, só falam os pacifistas do primeiro Estado, os platonicos metafisicos, que julgam que cem vidas valem mais do que cem dobres de ouro.

Uma guerra — seja entre a velha e pulcra Italia, detentora dos fachos hegemonicos da civilização ocidental e um pais lendario envolvido de montanhas, seja entre duas potencias de igual posição no quadro europeu que joga valores nas falidas conferencias de Genebra ou de Paris; — uma guerra é essencialmente uma seara de vidas. E de vidas na altura viril da mocidade, da beleza e das esperanças.

Os sabios da biologia e da operatoria cirurgica, nos laboratorios e nas mesas dos hospitais, pela quimica, pela fisica e pela aplicação das descobertas do Homem superior — procuram todos os anos descobrir mil processos de livrar da morte dezenas de milhar de vitimas.

E os Estados gastam rios de dinheiro nesta missão sacerdotal, que atinge o divino, e na qual se queimam os proprios sabios, vitimas do seu ministerio.

A quinze anos, pouco mais da catastrofe que terminou na sala de Versailles, não ha rebuço de jogar, de novo, algumas dezenas de milhar de mocidades a uma ideia velha, qual a da conquista de povos pela fôrça.

A vitoria da razão imposta pela fôrça não é a vitoria da razão mas a vitoria da fôrça. E até onde pode esta ser duradoira?

Hemos de abstrair dos fundamentos aparentes do conflito, e até das justificações da desgraça em nome gratuito da civilização; e mais hemos de abstrair de quem deseja a guerra, de quem a provoca, a toma por escudo de honra e por timbre de raça, beijando a moeda calva no acto da partida das naves remeiras.

A pregunta que surge é esta: ha algum objectivo, por mais legitimo á superficie ou no fundo, que justifique a ceifa da seara loura de mocidades generosas e frontes, brancas ou bronzeadas?

E é por isto, talvez por tudo isto, que a parte minoritaria dos homens que lêem, que entendem e que pensam não crê na guerra — porque quere crer no bom senso, irmão gemeo da civilização ocidental.

A PRIMEIRA Conferencia Economica do Imperio estava convocada, pelo ministerio das Colonias, para 2 de dezembro deste ano.

Reconhece-se ser inconveniente que aquela Conferencia funcione ao mesmo tempo que a Assembleia Nacional que, segundo a Constituição, deve funcionar nessa altura.

E tambem se torna indispensavel estabelecer a forma de compôr e de nomear a delegação metropolitana que a portaria de 26 de dezembro do ano passado imprecisamente previu, e isto de modo a aumentar a representação a todos os grandes ramos da administração do Imperio.

Por isso a primeira Conferencia Economica do Imperio foi marcada para 5 de março do proximo ano, e será composta de sete membros, devendo cada um dos ministerios das Finanças, Marinha e Estrangeiros nomear um delegado, e os ministerios do Comercio e da Agricultura nomear dois cada um.

* * *

VISITOU-NOS hoje o sr. Padre Gonçalves de Carvalho, um dos mais antigos e prestigiosos elementos do clero paroquial de Lisboa, director da Escola Academica, que veio testemunhar á direcção do Diario de Lisboa *o seu agradecimento pelo artigo acêrca do «Ensino Particular», ontem publicado no nosso jornal.*

O sr. P.e Gonçalves de Carvalho afirmou o seu reconhecimento pela referencia feita á Escola Academica, e declarou-nos que igualmente algumas mais escolas e colegios de Lisboa — o que aliás nós assinalavamos — bem merecem dos poderes publicos pela sua cooperação na obra do Estado. Não tem o ilustre pedagogo nada que nos agradecer; sendo a Escola Academica a mais antiga de Lisboa, e sendo os seus progressos notaveis, ela pode bem representar, para o caso sujeito, as suas congeneres de igual categoria.

* * *

ASTOR, a mais prudente familia de milionarios norte-americanos, uma das poucas dinastias que tem escapado á derrocada financeira, procura agora assegurar a sua continuidade, furtando o seu herdeiro á possibilidade dum rapto que para os «gangsters» poderia ser negocio rendoso. Para o conseguir, meteram o seu descendente directo num barco em que viverá até á idade de se poder defender pessoalmente. O referido barco navegará sempre longe dos portos, aos quais virá apenas para se abastecer.

Noutros tempos, haveria o perigo dos piratas atacarem o barco-refugio do pequeno Nestor. Agora, o perigo reside na hipotese do pequeno acabar por preferir os encantos do mar aos perigos da terra.

A este numero do "Diario de Lisboa" corresponde um suplemento literario de quatro páginas

Espectaculos

"O wagon vermelho" e "Granadeiros do Amor", duas grandes estreias no Capitolio

Uma grande noite a de hoje no Capitolio com a estreia de dois filmes maravilha.

«O Wagon Vermelho», espectaculo triunfal que empolga, apaixona e distrai pelo valor do argumento onde se debatem o amor, o odio e o ciume. Emocionantes lutas de feras e os mais ferozes combates entre homens. Neste grandioso filme para todos os publicos tomam parte três vedetas americanas. Greta Nissen, Raquel Torres e Charles Bickford.

O outro filme é a lindissima opereta «Os Granadeiros do Amor», com Raul Roulien, o celebre e popular galã brasileiro e a notavel actriz Conchita Montenegro. Amanhã: «Atlantida» e «A Ninfa Constante».

Os bilhetes para estes sensacionais espectaculos ao ar livre custam apenas 1$60.

Atrás do reposteiro

Parte no proximo mês para a Italia, em viagem de estudo e de recreio, o distinto compositor Afonso Correia Leite.

—Os noveis autores que assinaram a revista «Milho Rei» pretendem capitalizar uma empresa, a fim de levarem á cena uma outra revista de sua autoria.

—Realizou-se ontem o ensaio para a Censura da revista «Sardinha assada».

—Os trabalhos de dobragem em lingua portuguesa dos filmes «Son Excellence Antonin» e «The Last Mile» devem iniciar-se na segunda quinzena do mês de setembro.

—Na «tournée» que vai realizar a companhia do teatro Nacional antes da sua temporada do Já da Bandeira, que se iniciará em outubro proximo, representar-se-ão, entre outras, as comedias «Ai Jesus» e «Cinco lobitos».

—A peça que o actor Procopio Ferreira, representará ainda este ano no Brasil, «Toraritz», não é obra do teatro russo, mas sim francês, e já foi representado em Espanha», com o titulo, «El Camarada».

—Enquanto a actriz Palmira Bastos estiver fazendo a sua cura de aguas na Curia a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, fará uma «tournée» com as peças: «Cinco lobitos», «Topaze» e «Ai Jesus», desempenhando a actriz Emilia de Oliveira, nesta peça, o papel de Palmira Bastos.

—E' possivel que o actor Estevão Amarante depois do seu regresso da viagem que foi fazer ás Colonias, represente no Teatro Sá da Bandeira do Porto, com a companhia Rey Colaço, as peças, o «Pai da Menina» e «Como se faz um homem».

—Chegaram ontem da sua grande «tournée», por Londres, Espanha, França e Italia os artistas bailarinos, que trabalharam durante quatro meses no Coliseu dos Recreios na revista «Fim do Mundo», Diamond & Aida, que nos vieram cumprimentar.

—Com grande sucesso realizou-se ontem no teatro Sá da Bandeira do Porto a primeira representação da revista em 1 acto do actor Gil Ferreira, «Bate certo».

—Os quadros da revista popular «Olha o Balão», com que abre no fim do corrente mês o Teatro Avenida são os seguintes: 1.º «Transmissora Nacional»; 2.º «Tudo sôbe»; 3.º «Lição de Historia»; 4.º «Amores de Cigano»; 5.º «Praia Artificial»; 6.º «Dois dedos de cavaco»; 7.º «Alô! Alô!» (final); 8.º «Festas populares»; 9.º «Bar moderno»; 10.º «Lisboa Antiga»; 11.º«Julgamento do Manuel Ceginho»; 12.º «Mas não era»; 13.º «Ontem e hoje»; 14.º «Revista 1935»; (final).

—No Terraço do Capitolio vai registar-se hoje mais uma enchente colossal, pois exibem-se, em estreia, os filmes: «Wagon Vermelho» e «Granadeiros do Amor».

—Hoje o Luna Parque, o belo centro de diversões, vai marcar pela animação e elegancia, visto ser a noite da moda, dedicada á nossa primeira sociedade. A todas as senhoras será distribuido um sabonete pela Perfumaria Dourado, da rua da Prata.

PROGRAMAS DE HOJE

CAPITOLIO Wagon Vermelho
Granadeiros do amor
Bilhetes a 1$60

PAVILHÃO PORTUGUES NAGANA
Audiencia Imperial
Bilhetes a 1$60

JARDIM CINEMA Domingo:
Historia d'um condenado
Loucura americana
Ás 21 e 15

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Carlota de Saldanha Oliveira e Sousa, D. Maria da Madre de Deus de Azevedo Coutinho de Freitas Torres, D. Amelia de Abreu Lima Carvalho Leitão, D. Alice Ramalho Pinto da Fonseca, D. Virginia Méra Pinto de Magalhães, D. Palmira Velasco Bácha de Almeida Ribeiro, D. Julia Leonor Pinheiro de Melo Cardoso de Menezes, D. Maria Manuela Pinto Horta Ferreira Lima, D. Maria da Conceição de Sommer Viana, D. Ema Dias da Silva e D. Etelvina Diniz Pina.

—Faz hoje anos a menina Maria Germana Heredia Veiga Ventura.

—Fez ontem anos a sr.ª D. Gloria da Silva.

NA CURIA

Amanhã e domingo, um novo fim de semana está preparado, e constará amanhã de «baile de costumes» no salão de festas do Palace Hotel, em seguida ao «jantar de gala», baile organizado por uma comissão de senhoras que actualmente se encontram ali hospedadas. No domingo haverá de tarde «chá dansante» na Piscina-Praia «Paraiso» e á noite baile no mesmo recinto.

Estamos certos de que a Curia volta a ser amanhã e domingo um elegante ponto de reunião.

NA COSTA DO SOL

No Casino Estoril

Vai decerto constituir uma noite de verdadeira elegancia, a de amanhã, no salão do restaurante do Casino Estoril, pois realiza-se a festa carioca, iniciativa do distinto actor Erico Braga, em que será a evocação do Carnaval do Rio de Janeiro, com todos os usos e costumes dessas festas tradicionais brasileiras. Haverá cantos e dansas brasileiras por um vistoso grupo de artistas do nosso teatro ligeiro que se exibirão durante a ceia.

O vasto salão do restaurante apresentará uma vistosa decoração, figurando um belo trabalho do pintor Cunha e Silva, representando a baia de Botafogo iluminada pelo luar.

A noite de amanhã no Casino Estoril, vai decerto constituir uma verdadeira parada de mundanismo.

Noite Veneziana

Com uma enorme e selecta frequencia realizou-se na noite de quarta-feira na piscina e «hall» do Estabelecimento Termal do Estoril, por iniciativa do notavel artista Augusto Pina, a linda festa «Veneziana», na qual Augusto Pina teve ocasião de mais uma vez pôr em destaque o seu valor como organizador de festas desse genero, primeiro elaborando um programa leve, e segundo pelo seu fino gosto, na decoração da piscina, fazendo uma bela evocação de Veneza.

O programa que foi fielmente cumprido deixou na selecta assistencia a melhor impressão, recebendo os interpretes, freneticos aplausos do publico que enchia a piscina e o «hall», onde se exibiu o ultimo numero do programa, o inspirado «minuete» de Boccherine, por vinte pares de graciosas «girls» belamente ensaiado pela distinta professora a bailarina Ruth Aswin. Esse numero não teve o brilho que deveria ter visto o recinto ser pequeno, para tantos pares.

A dansa no «hall» prolongou-se até de madrugada, sempre num crescente de animação, chegando por vezes a atingir o delirio.

Dar uma nota completa da selecta assistencia é tarefa dificil, visto não só estar completamente cheio, como tambem o de figurarem grande numero de familias espanholas. Contudo recorda-nos ter visto as seguintes senhoras:

Duquesa de Seo y Urgel, duquesa de Frias, marquesa de Rafael, marquesa de Salles, marquesa de Zuzarte, condessa de Corbril, condessa de Trujillo, condessa de Haro, condessa de Westmorland, condessa de Prokova Gradinarowa, viscondessa de Peña Parda, viscondessa de Aguilar, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Pilar Afonso de Quezada, D. Felecidade de Sousa de Eiró, D. Emilia de São Paio da Costa Pinto, D. Emie Polnay de Castelo Lopes, D. Albertina Pimentel de Vasconcelos e Sá e filha, D. Felizmina Cardim, D. Guilhermina Marinho da Cruz e filha, senhora de Gay, D. Izaura de Castro Santana, senhora de Muñoz Garcia, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, senhora de Walter Noas, D. Luiza Vinhas, senhora de Muñoz Vargas, D. Emilia Lamas Pimentel, senhora de Simões Neves, D. Carolina Santos, senhora de Edna, D. Adelia Diniz de Almeida, senhora do dr. Santos Vaz, D. Ida Fragoso Alcobia, senhora de Augusto Costa, D Berta Rosa Limpo Sena, D. Arcelina Costa, D. Maria José de Barros Lima Saturnino e filha, D. Maria Macedo Chaves, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, D. Maria Aisberg, D. Maria Adelaide Lima Cruz, D. Encarnacion Fernandes e filha, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, D. Tatiana Aisberg de Mendonça, etc.

Sabonête Dourado
A VENDA EM TODA A PARTE

CAMISARIA MODERNA ROSSIO, 110
SECÇAO DE ENGOMAGEM ELECTRICA
— PREÇOS DE ENGOMADOS —

Colarinhos (cada)	$50
Punhos »	$50
Camisas »	2$00
»	2$50

Entrega 3 dias depois.
Embalagem gratis
Telefone 2 4350

NA RUA DA PALMA
encontram os nossos leitores
Ouro, prata, Joias, relogios, etc.
aos mais acessiveis preços nas acreditadas ourivesarias: Barateiro Pimenta, n.º 2; Varela & Pereira, 6-12; Peixoto e Jardim, 14-16; Oliveira & Jacome, Limitada, 22; Vieira & Filho, 13; Augusto D. Santos, 18; Joalharia Macedo, 54; J. M. & Pedro Fraga, 82, e S. Carvalho Mourão, 92.
Atenção: — Estas firmas são as recomendadas em face das grandes reduções de preços e honestidade das suas transacções.
Visitem as ourivesarias da Rua da Palma se querem comprar bom e barato

COMO SE DEVE NADAR
PELO PROFESSOR **FERNANDO BORDALLO PINHEIRO**
Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

I. F. 2 (Parque Eduardo VII) Entrada 1$50
Telef. 40095 ◆ A's 21,30
As Mulheres e o Idolo, com Max Baer. —Amanhã: **Grito Selvagem**, com Eddie Cantor. — Dia 31: **A Festa do Seculo XX.** — Ceia a americana — Baile toda a noite — Variedades com o concurso de artistas teatrais—Noite de arte e mundanismo—Entrada 20$00 — Ceia 30$00 - Entrada com direito á ceia e marcação de mesa, 40$00. — Traje de «soirée». — Vendem-se e marcam-se bilhetes.

HOJE—Sessão da Moda
NO
Luna Parque
A todas as senhoras oferece a **Perfumaria Dourado**
um sabonete

OLIMPIA CLUB
Hoje grande estreia da eximia bailarina
NELLY NAO

BOLSAS

23 de agosto

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 3/4 1934	1.146$00	1.146$00	1.147$00
Consolidado 5 1/2 0/0 1933	1.089$00	1.088$00	1.090$00
» 4 1/2 0/0 1933	1.017$00	1.017$00	1.018$00
» 4 0/0 1934	945$00	—	—
Externo 3 0/0 1.ª Sér. s/p	1.550$00	1.545$00	1.552$00
» 3 0/0 2.ª »	—	—	—
» 3 0/0 3.ª »	1.562$00	1.561$00	1.565$00
Emp. 4 1/2 0/0 1912	—	2.190$00	2.200$00
» 6 1/2 0/0 1930-Cons	519$00	519$00	519$50
» 6 3/4 0/0 1930-Porto	510$50	510$50	511$00
» 6 0/0 1932	1.013$00	1.013$00	1.014$00
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	—	—
Lisboa & Açores, port.	—	—	390$00
Portugal, portador	1.080$00	1.078$00	1.082$00
Espirito Santo	—	600$00	620$00
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	670$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	—	230$00
Nacional	—	700$00	720$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	750$00	985$00
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria	—	70$00	—
» » privilegiadas	—	—	—
Aguas de Lisboa, port.	—	315$00	330$00
Cerveja Estrela	—	255$00	—
Cimentos de Leiria	—	700$00	710$00
Credito Predial	26$50	26$30	—
Gaz e Electricidade	359$00	358$00	360$00
Navegação	84$00	83$80	84$40
Portugal e Colonias	79$20	79$20	79$30
Portuguesa de Pesca	245$00	244$00	245$00
» de Tabacos	399$00	398$50	400$00
Tabacos de Portugal	—	348$00	360$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	—	252$00
COLONIAIS			
Açucar de Angola	504$00	503$50	504$00
Busi — 1.ª Emissão	—	32$00	33$00
» — 2.ª »	—	—	32$00
Ilha do Principe	157$50	157$00	158$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	460$00	458$00	462$00
Prediais 6 0/0 — 1932 1.ª s.	90$00	89$50	90$50
» 7 0/0	—	119$00	120$00
União Elect. Port. 7 1/2	133$00	133$00	133$50
Busi 9 0/0	—	113$00	115$00
» 6 1/2 0/0	—	105$50	—

Henrique de Barros Gomes
Corretôr oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$00	110$20
Paris	1$46,5	1$46,7
Madrid	3$03,6	3$01,2
New-York	22$13,5	22$17,6
Zurich	7$23,2	7$24,5
Roma	1$81,6	1$81,9
Bruxelas	3$68,5	3$69,2
Amsterdão	15$00,1	15$02,8
Berlim	8$91,7	8$91,3
Praga	$91,8	$92,0
Rio de Janeiro	1$17,4	1$17,6
Libra ouro	—	—

CARTAZ

TEATROS

Politeama—A's 21 e 30—«As Duas Garotas de Paris».

CINEMAS

Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 0.
Jardim Cinema—Av. Alvares Cabral.
Capitolio—A's 21.
I. F. 2—Parque Eduardo VII.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Palacio—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Pavilhão Português, ás 21.
Paris Cinema—R. Domingos Sequeira.
Belem-Jardim—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Promotora—A's 21.

DIVERSÕES

Luna Parque—Desde as 20 horas—Diversões internacionais.
Lisboa Antiga—Diversões ao ar livre.

SKODA

POLITEAMA
A peça consagrada
AS DUAS GAROTAS DE PARIS
PREÇOS POPULARES

NOTICIAS DE EVORA

EVORA, 22

CERTAME DE BANDAS CIVIS—Na proxima e ridente vila de Reguengos vai realizar-se em 25 do corrente, um grandioso certame de Bandas Civis, ao qual concorrem cinco bandas de musica.

A's três mais classificadas serão oferecidos 3 premios da importancia de 3.000$00, sendo o primeiro de 1.500$00; o segundo de 1.000$00 e o terceiro de 500$00.

Concorrem os seguintes agrupamentos musicais: Banda dos Amadores de Musica Eborense, Banda do Circulo Montemorense, Banda da Sociedade Antiga Montemorense, Banda Municipal de Alter do Chão e Banda Visconde de Alcacer.

O certame realiza-se na Praça de Touros e principia ás 17 e 30.

EXCURSÃO—Está em organização uma grande excursão turistica, no proximo mês de setembro, ao sul de Espanha, Marrocos e Algarve, com passagem por Sevilha, Cordova, Granada, Malaga, Algeciras, Ceuta, Tetuan, Cadiz, Vila Real de Santo Antonio, Faro e Beja.

PATRULHA DE COMBATENTES

Está actualmente em Guimarães a Patrulha de Combatentes que continua levando a efeito a Volta a pé a Portugal, iniciada em 9 de abril passado.

Os três antigos combatentes que a compõem continuam a receber as maiores provas de carinho por parte das autoridades militares e civis, dos seus camaradas, e dos habitantes das povoações por onde passam.

Uma pele nova e branca em 3 dias

A ciencia sabe agora que a irritação dos poros da pele é a causa dos poros dilatados — depois vêm os pontos negros, as rugas devidas á fadiga e uma pele áspera e descorada.

O novo creme Tokalon Côr Branca (não gorduroso) dissolve a profunda impureza dos poros da pele, da qual acalma a irritação. Os pontos negros desaparecem. Os poros dilatados contraem-se. Uma pele grossa e escura torna-se suave e branca.

Este novo Creme Tokalon, Côr branca, contem creme fresco e azeite predigeridos, combinados com ingredientes adstringentes que embranquecem e tonificam. Mantem fresca e suavemente humida a pele mais ressequida. Tira o brilho á pele oleosa e gordurosa. Atavia a cutis com uma beleza e frescura novas e indescritiveis — e isto de maneira que não se poderia obter doutra forma.

Este creme encontra-se á venda nos bons estabelecimentos. Deposito — Tokalon de Lisboa (Secção D. L.) — 88, Rua d'Assumpção — que atende na volta do correio.

SKODA

MATRICULAS

Na secretaria do Ateneu Comercial de Lisboa está aberta a matricula para as aulas do Curso Elementar de Comercio, sendo o praso de 1 a 10 de setembro para os antigos alunos e de 10 a 20 para os novos.

Como é do dominio publico o Curso da Escola Comercial do Ateneu Comercial de Lisboa foi oficializado pelo Governo, pelo que os alunos que o frequentam ficam habilitados como se frequentassem qualquer escola Comercial Oficial.

—A Escola Comercial de Ferreira Borges, rua da Creche, 29, ao Calvario, continua a receber inscrições para os cursos diurno e nocturno.

O periodo de matricula começa no dia 1 do proximo mês de setembro.

Inquilinos Lisbonenses

Reune-se hoje ás 21 horas em assembleia extraordinaria, a Associação dos Inquilinos Lisbonenses.

Uma publicação util

O ultimo numero do «Boletim do Instituto Português de Oncologia» agora vindo a lume, tem o seguinte sumario, pelo qual se avalia do interesse raro da magnifica publicação:

«O problema do cancro», «Como evitar e como reconhecer o cancro da lingua», pelo prof. G. Jeanneney; «A proposito do cancro no utero, pelo prof. Chavannaz.

Noticias de S. João da Pesqueira

S. JOÃO DA PESQUEIRA, 22—Como nos demais anos, realiza-se no proximo domingo a festividade á sr.ª dos Remedios com sermão pelo Reverendo Luiz Castelo Branco.

Na vespera haverá arraial com iluminação, fogo de artificio concerto pela filarmonica de Magueja, etc.

—No dia 1 de setembro realiza-se a feira anual da Senhora do Monte, que costuma ser bastante concorrida.

FATIGADA,
COM OS PÉS DORIDOS,
DEPOIS DE MUITO ANDAR...

. . . deixe-se guiar pelo Doutor Tarboratos. Indicar-lhe-há um bom tratamento que fará desaparecer esse penoso incomodo. Recomendar-lhe-há

TARBORATOS

tratamento completo dos males que os seus pés podem sofrer. Calos, pontos sensiveis, ardencias na planta do pé, durezos, verrugas, transpiração, fadiga, melhorarão rapidamente. Não existe no mundo nenhum banho de pés que por si só possa fazer desaparecer os calos. Tarboratos, ***tratamento completo*** -- Sais e Calicida -- consegue esse resultado sem esforço.

Á VENDA EM TODO O PAÍS

Tratamento simples 8$00. Tratamento duplo 10$00 (contem respectivamente uma e duas caixas de calicida). Manda-se para a Provincia contra reembolso (9$00 e 11$50). Um simples postal para o escritório da Quimica Luso-Alemã, Rua dos Anjos, 171 - LISBOA é suficiente.

Depositário para o Norte: no Pôrto: Drogaria Costa, Rua das Flores, 36

AD POPULI SALUTEM

HAVAS

É UM PRODUTO DA
QUIMICA LUSO-ALEMÃ
LISBOA

O CARNAVAL DO RIO DE JANEIRO

é evocado amanhã no Casino-Estoril

O Casino Estoril proporciona amanhã á noite á sua elegantissima frequencia mais uma festa deslumbrante, realizada com riqueza de pormenores e com valiosas intervenções artisticas. E' plano, organização e realização de Erico Braga, artista ilustre, consagrado de ha muito em dezenas de festas de grande movimento.

Faz-se a evocação de uma noite de Carnaval no Rio de Janeiro, em que tomam parte, entre outras astistas, Maria Sampaio, Maria Albertina, Margarida de Almeida, Lina Duval, Eugenio Salvador, Tylly e Gerard e um grupo de gentilissimas «girls», todas em numeros de caracter brasileiro, desde o maxixe á modinha sentimental, do samba ás emboladas, dos catarétés ás marchas populares cariocas. Surpresas sem numero, em que é fertil o espirito de Erico Braga, um baile estonteante e uma ceia primorosa e alegre completarão este festival grandioso e inédito, a que servirá de fundo um grande panneau de 15x7 metros, pintado por Cunha e Silva e representando a baía de Botafogo iluminada pelo luar.

Trovoadas

S. JOÃO DA PESQUEIRA, 22—Ontem pelas 17 horas desencadeou-se sobre esta vila uma violentissima trovoada, tendo caido sobre a torre do relogio uma faisca que causou prejuizos materiais. A aludida torre ficou com dois grandes rombos. Na cadeia da comarca, que fica proxima, dois presos, com o susto, cairam sem sentidos.

O estrepito da trovoada foi tal, que a população se alarmou, chegando as mulheres e as crianças a fugir espavoridas para a rua

CASTRO DAIRE, 22—Veio hoje a esta localidade uma deputação das povoações de Grijó, Gafanhão, Ruiz, Ester, etc., solicitar auxilio á Camara Municipal para ocorrer aos prejuizos causados pela ultima trovoada.

SUFRAGIOS

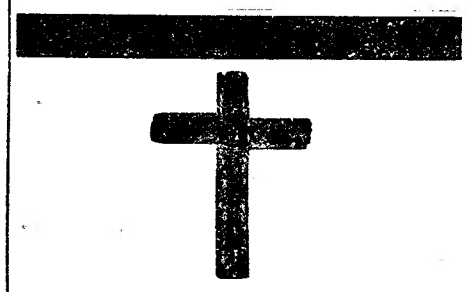
Mario da Silva Dias

Por alma do sr. Mario da Silva Dias, falecido ha um ano, mandam seus pais e demais familia rezar missa de sufragio amanhã, ás 11 horas, na igreja do Socorro.

Caminhos de Ferro

Excursão Viseu-Espinho

No dia 25, realiza-se uma grande excursão de Viseu a Espinho, a preços populares (ida e volta: esc. 25$00 em 1.ª classe e esc. 15$00 em 3.ª), em comboio especial que parte de Viseu ás 5 e 5, e regressa de Espinho ás 21 e 11.



Laura Adelaide da Silva Lemos

FALECEU

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Maria Adelaide da Silva Cruz e seu marido, Augusto Magalhães Cruz, Cecilia Alexandrina da Silva Campos e seus filhos, Alzira da Silva Campos, Alvaro da Silva Campos e sua mulher Ana Vasconcelos Campos, Aurora Lopes d'Oliveira Cruz e seu marido Dulcidio Cardoso Cruz, Alne Lopes d'Oliveira Menezes, Americo Lopes d'Oliveira e sua mulher, Mariana Matos d'Oliveira e seus filhos, Alice Matos d'Oliveira, Alvaro Lopes d'Oliveira e sua mulher Maria Antonia Sabo Lopes d'Oliveira participam a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento, no dia 16 do corrente, da sua querida irmã, cunhada e tia, não se tendo feito participações nem convites por expressa determinação da finada.

MAGNO

Barbosa & Costa L.da
Grandioso sortido de carpetes nacionais e estrangeiras das melhores qualidades e do mais fino gosto, **a preços convidativos.**
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone **2 3562**

A Cidade

Colegio Vasco da Gama
Av. Manuel da Maia (a Arroios)
Telef. 44342
Internato—Semi-internato e Externato
Estão abertas as matriculas para os cursos
Primario—Liceal—Comercial e Agricola

Casos do dia

O turismo e a graxa

Este problema do turismo, em que tanta gente fala e de que tanta gente vive, tem aspectos varios como todas as coisas da vida.

Parece, segundo dizem os entendidos, que a primeira preocupação das pessoas turisticas consiste em mostrar aos estrangeiros, a par das belezas naturais que temos, as possibilidades que não temos ainda mas que fingimos ter. (Fingir não custa nada e pode ser fonte de receita quando se finge bem).

Ora, aconteceu hoje a um estrangeiro, em plena baixa da cidade, um passo que, visto sob o ponto de vista da propaganda, precisa de ser considerado.

O estrangeiro em causa,—não lhe sabemos o nome mas sabemos os nomes das testemunhas—vinha de um passeio pelo chamado triangulo de turismo. Encantado. Lindo sol. Lindas vistas, Lindo almoço. Tudo lindo. Tudo de embasbacar.

Chegado á Praça dos Restauradores, no retorno, o homem, que se encalmára na digressão, quiz refrescar-se. E apeou-se do automovel, e instalou-se numa cervejaria de ar livre, e, enquanto se dessedentava, resolveu engraxar os sapatos, absolutamente sujos por virtude da longa caminhada.

Chamado um dos muitos engraxadores que por ali andam a tirocinar para inuteis, foram os sapatos do turista submetidos á limpeza que urgia; e, quando a operação ia no meio, —um pé envernizado a primor, o outro indecentemente. encharcado—apareceu o inevitavel policia.

Aquilo da limpeza era contra os regulamentos. E era, mesmo. O civico discutiu com o engraxador; o engraxador discutiu com o civico; o freguês discutiu com os dois; e, para se cumprirem os regulamentos, não teve remedio o turista senão ir a pé coxinho—um sapato de cidade outro das hortas—desde os Restauradores até ao Rossio, em demanda de estabelecimento legal onde pudessem acabar de engraxá-lo.

Cumpriu-se a lei e o estrangeiro engraxou-se o melhor que poude. Mas—e nisto é que está o «caso»—não haverá, neste particular, certo desacordo entre as intransigencias da lei e as conveniencias do Turismo?

Como vai reunir-se em Lisboa um Congresso da especialidade, talvez não fosse desasizado dar representação, nele, para que se estude este aspecto do problema, á classe dos engraxadores, porventura a mais numerosa de quantas existem hoje em terras de Portugal...

ARRIGIO MAFRA

O CHEFE DE ESTADO EM SINTRA

A Camara Municipal de Sintra dirigiu todos os habitantes do concelho um convite colectivo para, no proximo domingo, esperarem o sr. general Carmona na praça da Republica e, aqueles que puderem, na ponte dos Algarves, limite do concelho de Cascais.

No largo fronteiro ao Palacio Nacional da vila foram colocados dois potentes holofotes para iluminação da escadaria.

A Guarda Nacional Republicana da vila será reforçada com 40 praças, sob o comando do tenente Manuel Joaquim de Oliveira.

O chefe do Estado visitará na segunda-feira o edificio da Camara Municipal para agradecer a recepção. Durante a semana proxima realizam-se varias festas e um concerto no Casino.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

A VI VOLTA A PORTUGAL

—o-o—

NICOLAU

afirma-nos o seu pesar

pela falta de Trindade na prova

O "Diario de Lisboa" oferece uma taça

Foram muito interessantes e chamaram algumas centenas de p ao Luna Parque, as provas de destreza dos concorrentes á «VI Volta a Portugal», que o figueirense Alves Barbosa ganhou, seguido de José Braz Junior e de Manuel de Sousa.

Realizou-se depois uma ceia de confraternização no «Retiro da Severa», a que presidiu o sr. Raul Vieira, presidente da União Velocipedica, ladeado pelo dr. Salazar Carreira e por José Maria Nicolau. Falaram ao microfone Raul de Oliveira, director de «Os Sports» como organizador da Volta, Belo Redondo, pelo «Diario de Noticias», e Felix Correia, pelo «Diario de Lisboa».

A «Taça «Diario de Lisboa»—que está sendo executada num dos mais famosos lavrantes do Porto—constituirá um dos mais valiosos trofeus da «Volta a Portugal».

Alguns minutos com o favorito

José Maria Nicolau é, incontestávelmente, e por uma maioria enorme, o favorito da VI Volta. Não quere isto dizer que outros corredores não tenham probabilidades de apoquentar —e até de bater—o popular campeão vermelho.

Durante a ceia de ontem tivémos ocasião de verificar quais os ciclistas apontados como os mais perigosos competidores de Nicolau: José Marquês, considerado actualmente o nosso melhor «sprinter», e vencedor de numerosas provas deste ano, José Rainho, Antonio Contente e os «veteranos» Ezequiel Lino e Cesar Luiz.

Nicolau teve á mesa a informação de que Alfredo Trindade fôra operado dum furunculo, no hospital de São José, pelos srs. drs. José Paredes e Bernardino Freire, e que estes lhe haviam prescrito um descanso de 15 dias. E não ocultou a sua mágua:

—Não calculam como eu fico aborrecido com isso. Mas sou o primeiro a dizer que, se ele está doente, não deve ir. Para uma prova destas só se deve ir em boas condições.

—E você está bem?

—Fisicamente, melhor do que nunca! Sinto-me esplendidamente.

E explicou que um médico do Cartaxo seu amigo, procede ao seu exame radioscópico, antes e depois de todas as provas em que toma parte:

—Quando fiz o Porto-Lisboa, a radioscopia acusou uma pequena dilatação do coração; mas no dia seguinte este voltou á normalidade. E o exame desta semana foi completamente satisfatorio.

—Esta Volta é tambem para si?—ensaiámos.

E Nicolau retorquiu logo:

—Não se póde dizer nada! Vão realmente á prova rapazes muito perigosos. Tratarei de ver se os bato—mas nada se póde dizer senão no fim.

Um guia da Volta

Foi posto á venda o «Guia da Volta a Portugal em Bicicleta», interessante trabalho do nosso distinto colega Belo Redondo—que fez a historia da Volta,—com um prefácio do professor sr. dr. Beirão da Veiga, um desenho de Ferreira de Albuquerque, varias fotografias, o regulamento da prova, os itenerarios das «étapes» e a respectiva quilometragem, mapas dos «récords», tabelas das corridas, lista dos campeões, etc.

DEUS LHE PAGUE!

—o-o—

Uma velha

que possuia 1.600 libras

e andava a esmolar

Emilia Baptista, de 90 anos, residente em Oliveira do Bairro, vive com uma filha e uma neta, e costuma andar durante o dia a mendigar nas povoações proximas.

A neta enamorou-se ha tempos dum rapaz chamado Herminio Pereira dos Santos, o qual vai em dois meses embarcou a bordo do vapor «Moçambique» com destino a Africa. Um mês depois regressava, porém, a Oliveira do Bairro, onde começou a gastar dinheiro á larga, só não gastando mais, muitas vezes, porque tinha certa dificuldade em trocar as libras.

O caso começou a ser notado entre os seus conterraneos, dizendo uns que o rapaz tinha comprado uma roça, afirmando outros que ele era proprietario duma mina de ouro e que as libras eram «extraidas» dessa mina.

A certa altura, o administrador do concelho, achando extraordinario que um rapaz após uma viagem tão curta enriquecesse tanto e tão depressa, comunicou o caso ao sr. dr. Alves Monteiro, director da P. I. C. e este incumbiu o chefe Pereira dos Santos de averiguar o que se passava.

Enquanto o aludido chefe procedia a investigações na metropole junto da companhia de navegação para saber se no barco em que o Herminio embarcou se teria dado qualquer furto, o agente Germano procurava saber em Oliveira do Bairro se haveria ali qualquer caso de notas falsas.

Estas investigações deram resultado negativo. Até que o chefe Pereira dos Santos aconselhou o seu subordinado a prender o novo milionario e a levá-lo para Aveiro. Interrogado ali largamente, sobre a origem da fortuna, declarou que os seus pais lhe davam quanto dinheiro ele queria.

Chamados os pais, negaram estes que alguma vez tivessem dado a seu filho uma unica libra.

Até que o preso se resolveu a declarar a origem da mina e da fortuna. Era a namorada, a Rosa Santos Bouça, neta da mendiga quem, todos os dias lhe dava uma porção de libras das muitas que a avó tinha arrecadadas. Passada uma busca em casa da avó da pequena foram encontradas mais de mil libras em oiro.

Veio então a apurar-se que a velhota tinha para cima de 1.600 libras e que estava sendo roubada pela neta e pela filha.

A viagem, que o Herminio Pereira fez á Africa tivera por fim, apenas, evitar que se suspeitasse da proveniencia do dinheiro.

Caso curioso: a velhota fazia contagem das libras, como quem mede milho: ás mãos cheias.

O preso confessou que se apoderou de 550 libras.

AS MANOBRAS NAVAIS

na costa algarvia

LAGOS, 23—Decorrem com toda a normalidade as manobras navais na costa Algarvia.

A divisão de contra-torpedeiros tem efectuado exercicios de fogos reais e de tiro reduzido, com o melhor exito, bem como evoluções em conjunto.

São esperados dois submarinos, o aviso «Pedro Nunes» e o porta-minas «Vulcano», que transporta um alvo para outros exercicios de tiro.

A visita dos contra-torpedeiros ás cidades e vilas da orla maritima, tem despertado grande interesse entre as populações.

As manobras devem terminar em meados da primeira quinzena de setembro.

AO NORTE DE ESPOZENDE

—o-o—

Estilhaçou-se uma traineira

morrendo afogados

seis pescadores

PORTO, 23. (Pelo telefone)—Esta madrugada, devido á grande cerração e á agitação do mar, naufragou, ao norte de Espozende e muito proximo de Apulia, a traineira «Santa Cruz III», da praça de Matozinhos, pertencente a José da Silva Torres, proprietario da Fabrica de Conservas «Sagrada Familia».

A «Santa Cruz III» tinha saido ontem de Leixões, ao fim da tarde, com a sua tripulação de 48 homens completa, sob a direcção do mestre Manuel Martins Moreira Junior, da Povoa de Varzim.

Pelas 5 horas de hoje, navegando muito junto á costa, aquele barco foi arremessado contra as pedras da Apulia e desfez-se completamente em poucos minutos.

Em luta com as aguas revoltas, desapareceram os pescadores Jeronimo Camcujo, Manuel da Agonia Flores, Joaquim Guincho, Jaime Gonçalves Moleiro, Manuel Francisco da Cunha, e um rapaz cuja identidade não foi possivel averiguar, em virtude de não estar matriculado na capitania, mas que se supõe ser da Nazaré.

O cadaver deste ultimo já deu á costa. Os restantes tripulantes salvaram-se a muito custo.

Os mortos residiam em Espinho e Povoa.

De manhã restavam da traineira naufragada apenas pequenos fragmentos de madeira e a rede que boiava junto ao local do sinistro.

No bairro piscatorio de Matozinhos é **muito grande a consternação.**

Na bacia de Leixões grande numero de **traineiras conserva as bandeiras a meia haste, em sinal de sentimento.**

A população da freguesia de Averomar, em frente da qual se deu o sinistro, acorreu á praia e, apesar da pouca visibilidade, conseguiu evitar mais perdas de vidas, graças a verdadeiros actos de heroismo. Um dos barcos que se dirigiram apressadamente para junto do barco naufragado, voltou-se, tendo a vida dos seus tripulantes corrido grave risco.

O falso major da Aviação

Os agentes Paulitos e Anibal Costa estiveram hoje a ouvir o falso major Jacinto Rodrigues, mais conhecido pelo «Alferes Bera», sobre varias queixas que existem contra ele.

Este individuo tem no seu cadastro policial registadas oito prisões.

Hoje esteve a apresentar queixa contra o burlão o tenente-coronel reformado sr. Domingos José Ferreira, que estava convencido de que o falso major era oficial do exercito, pelo que lhe dava a honra de o receber na sua casa, visto ele namorar uma sua criada que dele tem um filho—o mesmo que registou com falso nome na Maternidade Alfredo Costa, caso a que nos referimos. O Jacinto é acusado de ter ali praticado varios furtos de objectos de ouro no valor de 6.000$00, chegando até a trocar um cordão de ouro por um de prata dourada. Nas vesperas do burlão ser preso, escreveu uma carta ao queixoso, tratando-o por «presado camarada». Nessa carta dizia-lhe que estava escrevendo no momento em que o motor do seu avião estava a trabalhar.

DESASTRE COM ARMA DE FOGO

Uma criança morta

VILA REAL, 23. (Pelo telefone).—Na vizinha povoação de Adofe, deste concelho, quando Francisco José dos Santos, de 6 anos, filho de José Joaquim Borges e Luiza Gonçalves dos Santos, andava a brincar com uma pistola de seu pai que encontrara na gaveta dum movel, foi surpreendido pela mãi, que tentou tirar-lhe a arma. Neste momento a pistola disparou-se e a bala atingiu a criança no abdomen, pelo que foi imediatamente ao hospital, onde pouco depois faleceu.

Pinte seus belos
K O
e se sem
REPRESENT
M. Ca
Avenida
Reis, 166
Telef. 4
DEPOSITARI
Farm
Oliv
Rua da P

Ouro, Pratas, Joias

Brilhantes de todos os tamanhos, relogios, cautelas de penhores. Vendam na **Rua da Prata, 259,** *esquina de St.ª Justa, que é a casa que maiores preços oferece e fazem-se trocas nas melhores condições.*

A Cidade

Oleados e Carpettes de cortiça

O melhor revestimento para chão

As melhores qualidades e preços na

Sociedade de Tapeçarias, Ltd.ª

Rua Augusta 126 130

BRIGADEIRO CASIMIRO TELES

Comandante da Escola Pratica de Infantaria e da Escola de Oficiais Milicianos

NA ESCOLA PRATICA DE INFANTARIA

Como estão vivendo em Mafra

os quinhentos alunos da Escola de Oficiais Milicianos

Mafra—a ridente e historica vila, com seu imponente Mosteiro e basilica—está nesta quadra do ano e neste verão especialmente, vivendo um periodo de grande animação, num ambiente militar simpatico á terra, e a varios titulos digno de nota.

Uma parte do Mosteiro, ou convento que é designação mais portuguesa —é ocupada pela Escola Pratica de Infantaria, instituição com fundas raizes na vida militar portuguesa, mesmo com notabilissimas tradições, e á frente da qual, de ha muitos anos a esta parte, têm estado oficiais superiores dos mais distintos da arma e dos mais prestigiosos do Exercito.

Comanda hoje a Escola Pratica de Infantaria o brigadeiro sr. Casimiro Teles, que está dentro do quadro selecto dos valores que o precederam, ali ha nove anos, sucedendo a seu tio e a seu pai. *The right man.*

E é na Escola Pratica que está funcionando o curso de oficiais milicianos instituição da Republica em periodo contingente e cuja manutenção se reconheceu necessaria.

A Escola Pratica de Infantaria

Umas breves notas sobre a Escola Pratica, traçadas desenfadadamente por quem não está afeito a assuntos militares, são talvez necessarias para se dar uma idéa mais completa do quadro e do ambiente onde agora vivem cerca de 500 rapazes, com seus cursos ou ainda dentro deles, e que aproveitam as ferias para cumprirem a sua vida militar.

A Escola Pratica de Mafra compõe-se de cinco companhias: metralhadoras, atiradores, engenhos de acompanhamento, com uma secção de carros de reabastecimento de munições, e a formação de comando. E' este o seu pessoal normal.

A' Escola Pratica de Infantaria concorrem anualmente, e normalmente: os alferes saidos da Escola Militar, e que ali permanecem durante dez meses em tirocinio; os oficiais e sargentos da arma para os cursos de especialização de metralhadoras pesadas, morteiros, metralhadoras ligeiras esgrima de baioneta, e granadas; os capitães e tenentes de infantaria mais antigos na escala de acesso, e que não podem ser promovidos sem aqui fazerem o curso de comandantes de batalhão e comandantes de companhia; os coroneis de todas as armas mais antigos na escala de acesso, e que ali têm de fazer estagio de uma semana, e sem o qual não podem frequentar a Escola Central de Oficiais; e finalmente os oficiais das armas que pretendem fazer na Escola Central de Oficiais o curso para o Estado Maior, os que são obrigados a fazer estagio de trinta dias em cada uma das escolas praticas.

Como se vê é larga e sempre movimentada a vida da Escola Pratica de Mafra, que ocupa parte do edificio com a frente sul, e a frente norte até o Torreão N., em quatro pavimentos.

O convento é enorme, e o funcionamento da Escola não prejudica a sua grandeza nem o seu cunho artistico.

E' neste grande edificio militar e sem anexos que funciona agora a Escola de Oficiais Milicianos, «em cheio».

A Escola de Oficiais Milicianos

Estes 500 rapazes — aproximadamente — na idade militar foram apurados. Ao abrigo de uma lei, moralizadora e de assistencia á causa da instrução (o que não é demais encarecer) e porque frequentavam cursos superiores ou os concluiam, fôram dispensados de prestar serviço como recrutas, com a condição de o prestarem durante as férias, na Escola de Oficiais Milicianos, e para a qual naturalmente têm habilitações especiais, ou preparação. Esta frequencia dura dois verões seguidos, primeiro periodo num ano, segundo periodo no outro.

São as férias dos «soldados doutores» — os «cadetes» de Mafra — como dizem as saloias que o Stuart inventa — as férias de mochila ás costas, teoricamente é claro.

Este ano não houve excepções, a não ser por doença (casos raros), ou aquelas que a propria lei prevê.

— Para Mafra é que é o caminho.

E lá andam rapazes já formados em direito ou noutras faculdades, e estudantes adiantados e ainda os que chumbaram, «porque tiveram pouca sorte» ou porque «lhes deu o tanglomanglo», etc. As historias do costume.

Habituados á vida civil, não tendo noção alguma do que seja tropa — de começo a transição é dura. Depois habituam-se, e como são muitos, e sobretudo porque beneficiam de um tratamento especial — vai por pandega.

E a verdade é que é minima a percentagem dos que se «querem escapulir», pelos adiamentos. Basta dizer que este ano o sr. ministro da Guerra «adiou» 14 alunos cadetes. Pois 11 não se quizeram aproveitar dessa concessão.

— Para Mafra é que é o caminho.

Pois! Uma estrelinha no ombro e um boné de pala com uma insignia dourada.

Que diabo! Sempre se cumpre o seu dever.

Como funciona o curso

O brigadeiro sr. Casimiro Teles, comandante da Escola Pratica é o director do curso. O segundo comandante da Escola, coronel sr. Pires do Carmo, é o director do segundo periodo, que este ano tem 3 rapazes. O director do primeiro periodo, com centenas de alunos, é o sr. major Azevedo, da Escola Pratica.

O curso está dividido em 4 companhias, sendo 1 pelos cadetes do 2.º periodo, e 3 pelos do primeiro periodo, ai a 110-115 rapazes por companhia.

As companhias são comandadas ou dirigidas pelos capitães Andrade, Ferreira, Dores Marques — quatro esplendidos oficiais, que têm paciencia de santos e ás vezes fazem de ferrabrazes. Como subalternos, comandantes dos pelotões, ha 20 alferes que completam na Escola Pratica o seu tirocinio.

O primeiro periodo dura 6 semanas, ai de 3 de julho a 16 de setembro.

Vai depressa! Basta dizer que precisamente dois dias depois de terem dado entrada na Escola aquela centena de rapazes comparecia em parada e desfile diante do ministro da Guerra, dando idéa de terem sido soldados desde a instrução primaria.

O segundo periodo deve durar dez semanas, mas pode ser reduzido a oito, em certas condições.

Além de toda a instrução de recruta, recebem os futuros oficiais pratica de tactica, instrução teorica sobre tiro, fortificação, organização de terreno, topografia, e de todo o material distribuido á infantaria.

Os «rapazes» fazem pratica de cavalaria, saltam, dão quedas, voltam a montar; não são muitos os nestas condições.

Os cadetes no fim do segundo periodo são sujeitos a um exame. E' da sua classificação que resulta o serem julgados aptos par oficiais milicianos, aptos apenas para sargentos, ou inaptos.

A vida dos cadetes

Os cadetes de Mafra dormem no quartel, se querem. Pedindo licença ficam em hoteis ou pensões, mas têm de comparecer á formatura da noite, como os aquartelados nas camaratas. Uma percentagem de 12 por cento — os mais endinheirados talvez — fica fora do Convento.

Os que não querem ficar arranchados, «desarrancham-se», e comem cá fora, dormindo ou não no quartel. A percentagem dos não arranchados é de 15 por cento.

As camaratas são no terceiro pavimento do velho convento, arejadas e compridas. As camas e colchoaria foram todas novas. São duras; deixá-lo.

Levantam-se ás 6 e meia, e tomam a primeira refeição de cacau, com 3 papos sêcos e manteiga. Depois até ás 8 e meia é a instrução: exercicios fisicos, gimnastica, esgrima, etc. Das 16 ás 11 e um quarto, com um quarto de hora de descanso «para dizer larachas», é a instrução militar individual, com arma ou sem ela. Os do 2.º periodo têm instrução de comando.

Das 11 e um quarto ao meio dia é o periodo de toilette, a toilette dos cadetes — estão a ver — é escrever cartas, logo que voltam do banho, quando têm tempo.

Ao meio dia almoço. Louça da Vista Alegre.

O copo de agua passou — por deliberação do comandante — a copo de vinho, e o de vinho supostamente a agua.

Da 1 e meia ás 4 e um quarto, parada, mais instrução, tiro, etc., etc.

Ha tambem caminhadas, passeios militares de longo curso (para eles), etc.

E nas pausas instrução teorica.

A's 4 e um quarto nova toilette, e até ao jantar — liberdade.

Enchem-se os corredores, as escadas, os dormitorios, as pensões. A biblioteca do Mosteiro, a basilica, os museus são visitados. Mas uma vez concluida a instrução, a grande tarefa dos cadetes, áparte a preocupação do banho (a grande séca da Escola) —é beber cerveja, dar voltas, escrever cartas, comentar episodios, e comer desalmadamente.

— «Minha querida mãi: isto aqui é bem belo... Mande mais dinheiro».

Ou então:

— «Minha querida Mimi: isto aqui é uma maçada. Quanto sofro, amor, por ti!».

E assim 50 dias, de «Clarinha». As passeatas á larga para a Ericeira, a estroinice — isso acabou este ano — e muito bem. Ou se é tropa ou se não é. A disciplina suave tem suas leis. E ainda fica pano para mangas.

Os corredores e pavimentos de la Lys, de Abluera, de la Couture, de Ferme du Bois, de Colella, de Marracuene, de Chaimite—ouvem-nas boas.

—Chiu! Ai vem o nosso brigadeiro!

E são quatrocentas continencias, em chusma.

— O' pá! Porque é que a Faculdade de Direito não se muda para aqui?...

Mas é sabado. Não ha instrução de tarde. Muitos metem dispensa.

— Ai vem a camioneta!...

E' o assalto. E assim vivem em Mafra os cadetes da Escola de Oficiais Milicianos.

A acção dos serviços de puericultura

da Junta Geral do Distrito

O sr. dr. Carlos Salazar de Sousa enviou á comissão administrativa da Junta Geral do distrito de Lisboa um curioso relatorio acêrca da actividade do Posto de Puericultura n.º 1, cuja direcção tem a seu cargo e que constitui uma magnifica demonstração do valor daquele serviço.

O referido documento refere-se ás vantagens resultantes da constante vigilancia das crianças, das visitas domiciliarias, dos conselhos dados á familia acêrca da higiene domestica da assistencia medica ás crianças inscritas nos postos e á estimulação do aleitamento materno, afirmando que graças a esta modelar instituição se conseguiu organizar a luta contra a mortalidade infantil no distrito de Lisboa.

Segundo o relatorio do ilustre pediatra, inscreveram-se no Posto n.º 1, desde a sua fundação, em 1930, 1353 crianças o que atesta bem o interese que esta obra despertou.

O sr. dr. Carlos Salazar de Sousa termina por salientar os resultados obtidos pelo tratamento dietetrico, dizendo que hoje, a maioria das mãis se preocupa com a higiene infantil, o que antigamente não se verificava.

Predios de rendimento

Novos e antigos, moradias, quintas e herdades. Seriedade absoluta. Referencias bancárias. Vende

R. C. de Oliveira e Silva

70, 1.º — Rua dos Sapateiros

Telefone 2 5159

Três pessoas feridas num desastre

SESIMBRA, 23.—(Pelo telefone).—Hoje, pelas 9 horas, quando a camioneta de carga N.º 26.000, pertencente ao sr. Adelino Domingos da Rosa, de Reguengos do Ceital, seguia pela estrada de S. Paio, proximo da Aldeia Rica, concelho de Sesimbra, ao descrever uma curva muito perigosa, foi chocar violentamente com uma arvore, ficando totalmente destruida. Isto sucedeu num local onde têm sucedido varios outros desastres.

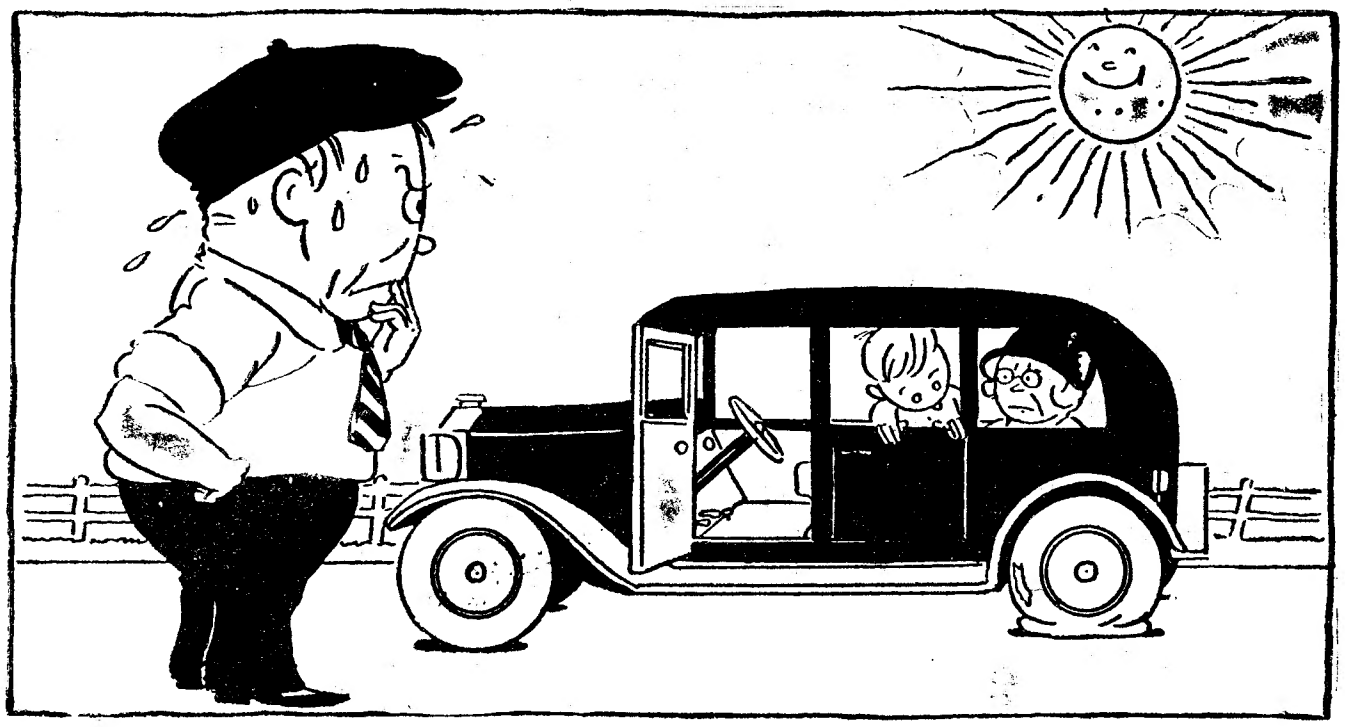
O «chauffeur» da camioneta, sr. José do Rego, natural de Reguengos, nada sofreu. O mesmo não aconteceu com as pessoas que nela viajavam.

Assim, um individuo, de nome Clemente, de 30 anos, pedreiro, do Bombarral, recebeu um grande ferimento na região frontal, o que lhe provocou uma forte comoção cerebral; Antonio Duarte, ajudante de «chauffeur», de 30 anos, de Mondim de Basto, fracturou o braço direito e feriu-se na cabeça; Fransicco Bruno Pinto, de 21 anos, pintor da construção civil, de Evora, safreu varias lesões nas pernas.

Os feridos foram tratados no hospital de Sesimbra pelo sr. dr. Costa Junior, delegado de saude, ficando o primeiro internado no referido hospital.

SKODA

Muito se engana quem cuida.....



CUIDOU SEREM VERDADEIROS, ANUNCIOS ILUSIONISTAS
CUIDOU EM TENDENCIOSAS AFIRMAÇÕES
CUIDOU EM INTERESSADAS PALAVRAS
DESCUIDOU OS SEUS INTERESSES
DESCUIDOU QUE NEM TUDO QUE LUZ È OURO
DESCUIDOU ESTAS CONCRETAS SUPERIORIDADES DOS PNEUS FIRESTONE SOBRE PNEUS VULGARES

1.ª 26 0|0 de maior resistencia ao choque
2.ª 38 0|0 de maior ligação entre o piso e as cordas do pneu
3.ª 122 0|0 de mator protecção contra a derrapage
4.ª 26 0|0 de maiar protecção contra furos
5.ª 58 0|0 mais de vida flexivel ás cordas
6.ª 25 a 40 0|0 de maiores kilometragens
7.ª **Maior quantidade de material puro**

Certifique-se com os seus proprios olhos, que mais do que qualquer outra marca os automobilistas preferem os pneus

Firestone

Peça-os ao seu fornecedor habitual

GLASURIT
Esmaltes e vernizes de 1.ª qualidade
Para todas as aplicações

ESTRANGEIRO

White Horse
WHISKY
Velhissimo

NOTICIAS DE ESPANHA

O roubo de Pamplona

PAMPLONA, 25.—O juiz de investigação criminal entregou ao cabido da Sá-catedral, as joias apreendidas e que tinham sido roubadas ha tempo da mesma catedral. Depois de feito um minucioso inventario das referidas joias, o cabido mandou-as encerrar num cofre forte dum Banco local até final do processo.—(United Press).

Manobras comunistas

BARCELONA, 23.—Foram presos e entregues ao tribunal três individuos franceses, comunistas, que estavam em ligação com elementos extremistas estrangeiros e nacionais. Foram-lhes apreendidos documentos compromete-dores relativos á organização duma nova intentona comunista em Espanha.—(United Press).

O circuito ciclista de Bilbau

BILBAU, 23.—Federico Esquerra ganhou o circuito ciclista de Bilbau, fazendo o percurso de 75 quilometros em 2 horas e 5 minutos. Um automovel que seguia atrás da bicicleta montada pelo vencedor atropelou Luiz Maria Garay, matando-o.—(United Press).

A morte de Wiley Post

OKLAHOMA (U. S. A.), 22.—Os restos mortais do malogrado aviador norte-americano Wiley Post chegaram esta madrugada a Mayaville. O funeral, que deve realizar-se hoje ou amanhã, será imponentissimo, dada a grande popularidade de que aquele aviador gozava nos Estados Unidos e no estrangeiro.

O corpo de Wiley Post será mais tarde trasladado para o Cemiterio Nacional de Harlington.—(United Press).

O tumulo do infante D. Gonçalo

VIENA, 23.—O tumulo do infante de Espanha, D. Gonçalo, que morreu num desastre de automovel e ficou no cemiterio de Poertschach, foi rodeado de terra vinda de quarenta provincias espanholas e que ali foi lançada pelo ex-soberano e outros membros da familia de Bourbon.—(Herzog).

A selecção espanhola de "football"

empatou no Brasil com o «Vasco da Gama

RIO DE JANEIRO, 23—Perante uma assistencia computada em mais de sessenta mil pessoas, realizou-se ontem, nesta capital, um desafio de «foot-ball» entre a selecção espanhola e o Club Vasco da Gama, que terminou com o resultado de 1-1.

No primeiro tempo, logo de entrada os jogadores brasileiros mostraram uma grande combatividade, empregando-se a fundo, o que desmoralizou um pouco os espanhois. Aos 15 *minutos de jogo os brasileiros marcavam o seu primeiro e unico ponto. Aos vinte minutos os espanhois refizeram-se e principiaram a assediar com frequencia as redes brasileiras, mantendo-se assim o jogo até o final do primeiro tempo.*

Logo no principio da segunda parte do desafio os espanhois, por intermedio de Manolin, marcaram um soberbo «goal». Durante o segundo tempo o dominio dos espanhois foi completo, não conseguindo, porém, marcar mais do que um ponto.

A multidão ovacionou delirantemente e por largo tempo todos os jogadores em campo.—(United Press)

BERLIM PREPARA A DEFESA

dos ataques da aviação

BERLIM, 23.—Foi inaugurado nesta capital um grande abrigo contra ataques aereos, onde poderão refugiar-se 600 pessoas. Fica situado na parte noroeste da capital perto da estação ferroviaria com a qual se encontra ligado por uma passagem subterranea, de modo a poder ser utilizada, em caso de necessidade, pelos viajantes.—(United Press).

As esterilizações na Alemanha

BERLIM, 23.—Durante o ano de 1934 foram estirilizadas na Alemanha 56.244 pessoas. Aos tribunais de Higiene da Raça foram enviadas 64.525 propostas, sendo examinadas 64.499, ou seja, um caso por cada 771 habitantes. Os tribunais rejeitaram 3.692 propostas e adiaram 4.563. Berlim tem o «récord» com 6.550 esterilizados, mas Karlhauh atinge a percentagem mais elevada, com 2,56 por mil habitantes e Hamburgo com 2,22.—(Havas).

O desabamento do metropolitano

de Berlim

BERLIM, 23—Ainda não foi possivel retirar todos os cadaveres soterrados no metropolitano. O ministro do Interior Frick visitou o local e ordenou o emprego de todos os meios tecnicos para a mais rapida remoção dos escombros.—(Havas)

Descobriu-se uma conspiração

no Extremo Oriente russo

TOQUIO, 23.—Os jornais dizem que no Extremo Oriente russo se descobriu uma conspiração anti-comunista, cujo foco era Kabarovsk. Foram feitas prisões em massa. Os chefes foram passados pelas armas.—(Americana).

Café Luso
CANÇÃO NACIONAL
Aviso a Ex.ma clientela deste grandioso Café, que hoje das 21 ás 0 horas, cantam a fadista afamada Maria do Carmo Torres e o cantador no jocoso, sempre agradavel Francisco Santos.
Noite de riso, e fado no sentimento. E' o café da «élite» no seu genero, porque ha respeito ordem, higiene e ventilação.
AVENIDA DA LIBERDADE, 31

Grave epidemia na região de Bombaim

BOMBAIM, 23.—Grassa uma grave epidemia de colera nesta região. Em Nasik, estação climaterica muito conhecida, morreram em 24 horas 85 pessoas. Apesar dos esforços das autoridades, a doença ameaça propagar-se. Foi proibido o banho no rio sagrado de Godaver, mas os indigenas não respeitam tal ordem. Os doentes mergulham na agua que crêem milagrosa, a fim de se curarem. O resultado é aumentar a expansão do mal.—(Americana).

Manobras militares nos Estados Unidos

NOVA YORK, 23.—Acabam de chegar 16 adidos militares estrangeiros, nomeadamente da Gran Bretanha, França, Alemanha, U. R. S. S., Japão, China e Mexico, que vêm assistir ás maiores manobras que se têm realizado nos Estados Unidos.—(Havas).

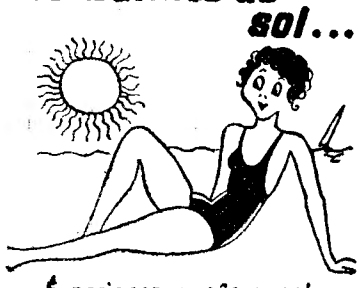
Os combatentes do Chaco

ASSUNÇÃO, 23—Os combatentes da guerra do Chaco desfilaram hoje pelas ruas desta capital, e foram delirantemente aclamados. Foi o mais surpreendente cortejo que o povo de Assunção tem presenciado. — (United Press).

Os deprimidos, os asthénicos, os exaustos e "cançados da vida„ os esgotados pelos excessos de trabalhos intelectuais ou fisicos, encontrarão nas
AGUAS RADIUM
novas forças para lutar e para sentir o bem inefavel que é "viver„.
VENDE-SE EM TODAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS, CASAS DE AGUAS ETC.
Garrafas 1/1..... 3$00
Garrafas 1/2..... 1$80
Garrafas 1/4..... 1$20
TERMAS NA CARIA—BEIRA BAIXA
ESCRITORIO E DEPOSITO:
R. dos Fanqueiros, 97-99—Telefone 27878

SKODA

Dr. Jorge Santos
DA FACULDADE DE MEDICINA DE PARIS
Hemorroidas, Fistulas, Varizes, Flebites, Ulceras das pernas, Doenças das senhoras.
Tratamentos modernos sem operação, sem dôr nem descanço. Das 3 ás 5, R. Nova da Trindade, 9-2.º-Dt. Tel. 28145. Cl. pobres ás 9 horas.

Nos banhos de sol...

É perigoso expôr a pele ao sol, por muito tempo, não se empregando o APYROL, que a preserva da ardencia dos raios solares... e cura as queimaduras.
Apyrol
REGENERA E VITALISA A PÊLE
Dep. excl.: Raul Vieira, Lda.
Rua da Prata, 51, 3.º—LISBOA
A' venda nas farmacias e nos bons estabelecimentos

Ao Publico de Lisboa
Para conforto das vossas casas
A Companhia dos Telefones acaba de reduzir de 50 % o custo das instalações telefonicas; o sacrificio que para as suas receitas representa esta redução é compensado pelo desejo de dotar Lisboa do numero de telefones compativel com o seu grau de civilisação.
Mas vem tambem a Companhia dirigir-se aos
Constructores civis e engenheiros
para lhes anunciar que está pronta a colaborar na parte de modernisação das novas edificações de Lisboa
Por um pequeno encargo o predio em construcção ficará dotado de instalação telefonica em todos os andares, pronta a receber os aparelhos que os arrendatarios requisitem pagando apenas o seu aluguer mensal. Na parte exterior dos editios não haverá mais fios inesteticos.
A bem da cidade, A bem do Publico, A bem da Civilisação
Dirija-se á
ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE COMPANY LTD.
Rua Nova da Trindade, 43

No verão, bebam vinhos verdes!
Os melhores são os da
Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal
AGULHA — gazoso, tinto e branco, em botijas e 1/2 botijas
AMARANTE — tinto, em garrafas e 1/2 garrafas
LAGOSTA — tinto e branco, en botijas e 1/2 botijas
ESPECIAL — tinto e branco, em garrafas, garrafões e barris de 100 e 501.
MINHO — tinto, em garrafões
Encontram-se nas boas casas e na Filial de Lisboa, Rua do Alecrim, 117 -- Tel. 2 2556.
Distribuição diaria por camio neta.

Dr. Augusto D'Esaguy
Doenças da Pele e Sifilis
Rua Garrett, 17, 2.º
Cons.: ás 16 horas
Telefones 2 3353 / 4 3410

ULTIMAS NOTICIAS

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ!

EM VESPERAS DE GUERRA?

A Italia envia mais tropas para a Africa Oriental

e prepara ao mesmo tempo grandes manobras na fronteira austriaca

NAPOLES, 23.—O porta-aviões «Miraglia» partiu para Massaua com numerosas esquadrilhas de aviões de bombardeamento e reconhecimento.

Com o mesmo destino partiram tambem três paquetes com diversos elementos da divisão «23 de Março», além de animais de carga e diverso material.—(Havas).

ALEXANDRIA 23.—Dois transportes italianos, tendo a bordo três mil e quinhentos homens e operarios atravessaram o canal de Suez a caminho de Massaua. Esperam-se constantemente novos navios. Em Suez foram contratados numerosos mecanicos, electricistas e motoristas. Os salarios são elevados e por isso apresentaram-se muitas pessoas.—(D. N. B.)

Seis mil «camisas negras» para Africa

ROMA, 23——Os transportes de tropas para a Africa Oriental aumentam de dia para dia. O porto de Napoles vê constantemente partir varios navios com tropas em numero consideravel. Em toda a cidade reina uma animação invulgar.

Hoje sairão de Napoles alguns navios que transportarão seis mil camisas negras» para as colonias italianas.—(D. N. B.)

MILÃO, 23—Anuncia-se que uma esquadra de exploração e uma esquadrilha de bombardeamento partirão hoje para a Africa Oriental.—(D. N. B.)

Ex-combatentes que se alistam

ROMA, 23—Os ex-combatentes italianos deviam pagar a visita dos seus camaradas franceses no decurso do proximo mês. Acabam, porém, de enviar aos referidos camaradas uma carta dizendo que não poderão ir a França, visto muitos dos ex-combatentes italianos se terem alistado para servir na Africa.—(Havas)

Mussolini dirigirá as grandes manobras

ROMA, 23.—Corre o boato de que Mussolini vai tomar a direcção suprema das grandes manobras militares.

A Italia contra os incendiarios da Inglaterra

ROMA, 23.—O «Giornale de Italia» publicou um artigo contra os que ele denomina «incendiarios da Inglaterra» dizendo que as medidas adoptadas pelo governo inglês, nomeadamente as de fornecer armas á Etiopia, fechar o canal de Suez e aplicar sanções economicas serão consideradas hostis á Italia e como tais repelidas. Aquele jornal é orgão oficial do governo italiano.—(United Press).

A volta da reunião do gabinete britanico

LONDRES, 23.—Baldwin, presidente do conselho, voltou ontem á tarde a Aix-Les-Bains. O Lord Chanceler Hailsham partiu para França. O chanceler Neville Chamberlain não voltou para o estrangeiro e o ministro da agricultura Elliot, que estava descansando no sul da França, ficou igualmente em Inglaterra. A maior parte dos outros ministros tambem não irá para o estrangeiro, e passará as suas ferias no campo, mas em Inglaterra.

Lansbury, leader do partido trabalhista, declarou que o gabinete britanico parece estar unido. As divergencias, segundo disse, declarar-se-ão quando fôr necessario que a Gran-Bretanha firme a sua atitude no estatuto da Sociedade das Nações, sem se preocupar com o que dirá a França.

De Valera, segundo uma noticia de Dublin, desmentiu ontem á tarde a informação sobre uma declaração do comissario superior irlandês em Londres, que teria assegurado ao governo britanico o apoio do Estado Livre da Irlanda em todas as iniciativas sobre o conflito italo-etiope.—(D. N. B.).

Se a Italia ainda quizesse negociar...

LONDRES, 23.—Os meios oficiais voltam a afirmar que durante a reunião de ontem, os ministros do gabinete britanico examinaram com a maior atenção a posição da Gran-Bretanha perante o conflito, na certeza de que a Inglaterra se mantem fiel á sua assinatura no Pacto de Genebra. Entretanto, o governo, em cooperação com o gabinete francês, não deixará de estudar todas as possibilidades de solucionar o conflito que se levantou entre a Italia e a Abissinia, razão pela qual não foi considerado oportuno o levantamento do embargo á exportação de armas e munições para os dois países em litigio. Isto não significa, porém, que essa decisão se prolongue até á proxima reunião do Conselho da S. D. N. Sir Samuel Roare, juntamente com os ministros que se encontram em Inglaterra, poderão decidir, se o julgarem oportuno, levantar o embargo. A posição actual da Gran Bretanha pode resumir-se na seguinte declaração feita por Sir Samuel Hoare, na Camara dos Comuns, no dia 1 de agosto: «temos a consciencia dos deveres que nos são impostos pelos tratados que assinámos e pelo pacto de Genebra, e estamos dispostos a não os despresar».

Comentando a reunião do Conselho de ministros, o jornal «Times» diz que «a base da politica externa da Gran Bretanha é a segurança colectiva» e que «as sanções serão discutidas em Genebra desde que haja a noticia do primeiro acto de agressão». Referindo-se aos objectivos da Italia, o mesmo jornal diz que o governo inglês já por variadas vezes deu a entender que aqueles não vão fora da compreensão inglesa, no que diz respeito aos desejos italianos de expansão. —«Se a Italia, escreve o orgão da «city», quizesse mesmo agora negociar, é quasi certo que seria compreendida tanto em Paris como em Londres».

O «Daily Telegraph» diz que o gabinete decidiu, «e muito bem», manter-se fiel ao maquinismo de Genebra. —«Se toda a engrenagem de Genebra fracassar, escreve o mesmo jornal, então, cada país deverá decidir por si proprio. Esse tempo, porém, ainda não chegou». Depois de comentar as pretensões da Italia e de examinar as consequencias que poderão advir desde que fracassem todas as tentativas para impedir o chefe do governo italiano de prosseguir a sua idéa de aventura na Abissinio, assim como os enormes vantagens economicas oferecidas nas conversações de Paris, o «Daily Telegraph» diz que «não ha memoria de ninguem se haver tanto exposto perante tão pequenas possibilidades de ganho». O «Manchester Guardian» critica o governo por não ter levantado o embargo na exportação de armas e lastima que não tenha sido anunciada qual a atitude que seria recomendada á Liga da S. D. N., no caso de necessidade. O «Daily Herald» concorda em que foi impossivel para o governo ir além da declaração geral de «lealdade absoluta á S. D. N.». —«Não se trata dum conflito entre a Inglaterra e a Italia, escreve, mas sim dum litigio entre a Italia e a S. D. N. e o que é necessario que se saiba é se as outras nações são fieis á Liga, ou não». O «Daily Mail» continua no seu ataque ao organismo de Genebra e diz ser urgente que a Inglaterra o abandone.

A Inglaterra não se quere comprometer

LONDRES, 23.—O «Times» declara num editorial que as pessoas que julgavam que a Inglaterra indicaria á Sociedade das Nações o caminho a seguir, ficaram desapontadas. O governo decidiu não se prender.

O mesmo jornal lembra que não parece ser muito honesto que se recusem armas á Etiopia, que as não tem, enquanto a Italia acumula material de guerra nas suas duas colonias da Africa Oriental. Mas é bem possivel que a Etiopia não possa pagar fornecimentos de armas.

O «Times» acrescenta que o governo britanico sabe mostrar que não considera com animosidade o desejo de expansão da Italia, e que compreende perfeitamente o estado de espirito dos países que se vêem colocados diante dum semi-contrôle exercido por grandes potencias, principalmente pela Inglaterra e a America. A Inglaterra não está disposta a suportar uma violação flagrante do pacto de Kellogg, ou uma expedição de conquista dum dos principais membros da Sociedade das Nações.—(D. N. B.).

Os ingleses contemporizadores

PARIS, 23.—A Imprensa regista a moderação do governo britanico, pois muitos receavam que, no conselho de ontem, o gabinete inglês tomasse medidas que só complicariam a situação. O «Matin» escreve que as determinações desse conselho são prudentes. «O futuro, acrescenta, continua prenhe de ameaças, mas abriu-se uma possibilidade de conciliação das duas teses. A base de entendimento poder-se-ia talvez, encontrar antes da reunião de Genebra.

O «Journal» escreve: «Os que esperavam decisões sensacionais ficaram desapontados. Os membros do governo britanico continuaram fieis á tactica tradicional de Albion, contemporizar. Em Londres calcula-se que o gesto de manter o embargo dos armamentos, destruindo todo e qualquer pensamento reservado relativamente ao Duce, facilitará seguramente as soluções pacificas».

O «Figaro» diz: «Os dirigentes ingleses sentiram a necessidade de pôr termo a uma agitação perigosa. E' necessario que se secunde o seu esforço de pacificação. A Italia parece não querer fugir a isso e a França dá a esse esforço todo o peso da sua influencia.—(Havas).

O governo inglês fiel aos principios

PARIS, 23.—A importante reunião de ontem do conselho de gabinete britanico é largamente comentada nos jornais de hoje. Os principais orgãos de opinião frizam a importancia da resolução tomada de não levantar o embargo ao fornecimento de armas para a Italia e a Abissinia. O «Petit Parisien» escreve: «O governo britanico parece ter iludido a espectativa de numerosos espiritos, mas o que é facto é que se manteve fiel aos principios que ditaram uma tal medida. A politica geral do gabinete consistirá em prosseguir nas melhores condições possiveis e em estreita ligação com a França, os esforços diplomaticos para resolver a crise por meio duma solução pacifica. E' preciso que se não dê a impressão de que se considera a guerra inevitavel».—(Havas).

Os italianos perante a Inglaterra

ROMA, 23.—Diz-se aqui que a reunião de ontem do gabinete, em Londres, não modificou a situação nem trouxe nenhuma decisão nova. Mais não fez do que adiar o conhecimento da atitude definitiva que tomará o governo de Londres sobre o conflito italo-etiope. Julga-se, contudo, que o perigo de ver aplicar sanções não desaparecerá, mas ficou um pouco reduzido.

A Inglaterra agirá com grande prudencia, pois não quere juntar ao insucesso de Eden em Paris, um insucesso da Inglaterra em Genebra.

Considera-se muito possivel que a interdição para a exportação de armas seja levantada antes de 4 de setembro.

O «Popolo de Italia» escreve que a Inglaterra tenta obrigar a França a assinar em Genebra uma resolução dirigida contra a Italia.—(D. N. B.).

A neutralidade espanhola

MADRID, 22.—O jornal «La Voz» publica, na sua primeira pagina e em grandes parangonas, o seguinte: «A situação da Europa, ou melhor, a situação do mundo, torna-se mais grave a cada minuto que passa. A Italia acendeu a mecha duma bomba terrivel, que pode estalar dum momento para o outro. As consequencias desta conflagração são incalculaveis. Não ha imaginação capaz de prevêr os horrores duma nova guerra universal e os seus mortiferos efeitos sobre a civilização que forma a nossa vida.

A hora é dramatica e solene, a mais grave—disse MacDonald—que o mundo vive desde 1914. Voltarão os homens a matar-se uns aos outros.

Espanha, segundo a Constituição da sua Republica, renunciará á guerra como instrumento de politica nacional. Não tem este artigo aplicação alguma neste caso; mas pressupõe a condenação moral das nações que o contradigam e o neguem. Nós maldizemos a possivel guerra, seja qual fôr a nação culpavel; mas, a Espanha sabe ser neutral. A Espanha foi neutral na passada guerra e será neutral na que, desgraçadamente, sobrevenha. Nenhum espanhol sensato pode pensar outra coisa. A Espanha não tem que intervir em conflitos que não criou, nem ajudou a criar. A Espanha será neutral, agora e sempre. Todo o trabalho dos poderes publicos deve ser encaminhado a defender esta neutralidade. A Espanha é neutral e tem direito a sê-lo. Esta é a posição de «La Voz» nesta hora solene e dramatica».—(Especial).

MADRID, 23.—O jornal «A B C» tambem se refere á neutralidade espanhola, mas conclui assim: «Não é facil nem presumivel uma violação da nossa neutralidade, pela posição geografica de Espanha, pelo estado relativamente vantajoso da sua economia e pelas suas possibilidades de abastecimento, e nenhum beligerante deixará de prever as consequencias de nos lançar no confito; mas, um povo inerme não é propriamente neutral, nem para sê-lo lhe basta o proposito, se não dispuzer de meios. De modo que a defesa nacional, indispensavel em qualquer circunstancia, mesmo nas mais pacificas e seguras, deve ser zelosamente cuidada, melhorada no seu material e na sua organização, e com toda a urgencia, isto em face duma situação que parece por muito tempo condenada a incertezas.—(Especial).

A Santa Sé apoia Mussolini?

MUNICH, 23—O general alemão Ludendorff, na revista de que é proprietario e que se denomina «Povo sagrado da força alemã», afirma que a Santa Sé apoia directamente a politica de Mussolini para a conquista da Abissinia.—(United Press).

UM INVENTO QUE FAZ DESAPARECER

os perigos da navegação

PARIS, 23—Os barcos vão deixar de ter motivo para recear as brumas e os destroços, graças a uma invenção de dois jovens franceses, Maurice Ponte e Henri Gutton, que vai ser experimentada no «Normandie». Esta consiste nuns farois que emitem ondas extremamente curtas e que sempre que encontram um obstaculo se repercutem, de tal sorte que é possivel não só saber-se da existencia desse obstaculo, mas tambem a distancia a que se encontra.—(Havas)

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

VELHOS PAPEIS

O DUQUE DE LAFÕES
E O MARQUEZ DE POMBAL
Duas cartas ineditas que esclarecem uma interessante questão historica

Se bem que a Academia das Ciencias ainda não cumprisse o dever moral de dedicar á memoria do seu fundador, 2.º duque de Lafões, um desenvolvido estudo biografico, não ha duvida que já alguma coisa se tem publicado acêrca do ilustre aristocrata. Mas nem tudo o que se tem dito é exacto.

Mendes Leal, no «Elogio Historico do 2.º duque de Lafões», publicado em 1861, no tomo II, parte II, da «Historia e Memorias da Academia» e, depois, em 1866, no «Arquivo Pitoresco», fazse eco de uma tradição vulgarizada, sem critica nem base documental, segundo a qual D. João de Bragança saíra de Portugal, após a morte do irmão D. Pedro Enrique, 1.º duque de Lafões e Regedor das Justiças, porque tornára-se um «obstaculo» contra as medidas governativas de Sebastião José de Carvalho e eMllo. E acrescenta: «o obstaculo foi removido», editando, logo, o mesmo academico: «Pela frieza que lhe manifestára o senhor rei D. José recusando conceder-lhe a sucessão do ducado de Lafões, vago pela morte de seu irmão mais velho conheceu o principe a sua precaria situação na côrte...». E acerscenta: «deliberou-se deixar a corte».

Depois, todos os publicistas repetiram mais ou menos o mesmo desacerto, a começar em Pinheiro Chagas e a acabar no eminente arqueologo dr. Joaquim de Vasconcelos, mas este—valha verdade—mais investigador, hesita na afirmativa.

Alguns escritores têm agravado o lamentavel êrro de cronologia de Mendes Leal com as mais diversas fantasias, a ponto de uns inventarem que o 2.º duque de Lafões se expatriou voluntariamente por vêr os perigos a que se expunha se quizesse entrar na luta contra o poderoso secretario de Estado,, enquanto outros chegaram a escrever que a viagem do duque correspondeu a um exilio forçado, devido ao odio do futuro marquês de Pombal e á acquiescencia comoda de D. José.

Em 1925—já lá vão 10 anos!—preparando a comemoração do 150.º aniversario da fundação da Academia, numa sessão da Clases de Letras, apresentamos uma série de interessantenticidade e verdade, prova-se por completo a tradição forjada ha muitos anos e que Mendes Leal lamentavelmente consagrou no aludido «Elogio Historico».

Por esses documentos, da maior autenticidade e verdade prova-se por uma forma irrefutavel: 1.º—Que a saida de Portugal de D. João Carlos de Bragança, bem ao contrario do que afirmou Mendes Leal, deu-se muito antes do falecimento, D. Pedro Enrique, pois quando este sucumbiu a 26 de junho de 1761, já quatro anos antes seu irmão, o fundador da Academia, escrevia de Londres a carta que adiante publicamos; 2.º—Que, desfeito esse êrro de cronologia de Mendes Leal inutilizado fica todo o «romance» das inventadas causas do exilio do 2.º duque de Lafões; 3.º—Que foi o secretario de Estado Carvalho quem valorizou o 1.º duque de Lafões, pois este até á morte de D. João V teve sempre uma apagada vida oficial, ao passo que se tornou um magnifico colaborador de Sebastião de Carvalho, no desempenho do seu cargo de Regedor das Justiças, nas coibições de abusos, na morigeração dos costumes e na disciplinação dos serviços do policiamento de Lisboa; 4.º—Que a energia e zelo que o 1.º duque de Lafões pôs no cumprimento dos seus deveres oficiais levaram Sebastião de Carvalho a ter por ele a maior estima e admiração, correspondendo D. Pedro Enrique a tais sentimentos com a mais perfeita lealdade e amais dedicada consideração; 5.º—Que a estima e consideração de Carvalho pelo 1.º duque tornou-se extensiva a seu irmão mais novo, correspondendo, igualmente, este ás atenções do secretario de Estado; 6.º—Que, assim, foram verdadeiramente cordeais as relações entre o futuro marquês de Pombal e o futuro 2.º duque de Lafões.

Tambem se pode concluir: 1.º—Que a demora que houve na relação da herança após a morte do irmão mais velho, parece dever procurar-se, principalmente, no facto deste D. Pedro Enrique ter deixado uma filha, D. Ana de Bragança, nascida da famigerada «Flor da Murta», D. Luiza Clara de Portugal, e á qual esse 1.º duque de Lafões legara uma terça anual de 300 mil reis e um dote de 5.000 cruzados; 2.º—Que a saida de D. João de Bragança não se deve filiar somente numa razão de Estado, como a necessidade de evitar que a nobreza nas suas intrigas e ataques contra o agressivo secretario de Estado cercasse o jovem e inteligente principe e tentasse fazer dele o centro e a cabeça da resistencia ou até de uma rebelião—como sucedeu depois, com os meninos de Palhavã, se bem que D. João sempre resistisse a que esse principe se instruisse com muita proficiencia nos assuntos diplomaticos e na arte da guerra, não só para lhe servir de observador inteligente e culto correspondente sobre o que se passava no ocidente e centro da Europa, como para se perparar para um dia vir organizar convenientemente o exercito português, evitando-se a lamentavel situação de ser necessario contratar oficiais estrangeiros sempre que se tornava essencial fazer entrar as tropas portuguesas em campanhas sérias; 3.º—Que a complicada e agitada situação da Europa, sempre em luta, apesar das pazes de Utrecht e de Aquisgran, simples armisticio, esta ultima, devido ás ambições coloniais e comerciais da Inglaterra e da França, e á guerra dos sete anos, levando Portugal, especialmente após a morte da rainha Maria Barbara, de Espanha, em 1758, á mais precaria das situações, ou de entrar no «Trato de Familia», para salvar a metropole, mas sacrificando as colonias, ou de continuar fiel á aliança inglesa para salvar as colonias, mas comprometendo, temporariamente, a metropole—justificava a utilidade de conservar quer em Londres, quer em Viena, uma personalidade da categoria e da ilustração do 2.º duque de Lafões.

Publicamos, seguidamente, três dos importantissimos documentos que ha dez anos pela primeira vez patenteamos na Academia, e ainda agora por publicar.

O primeiro consiste numa carta escrita de Londres em 4 de outubro de 1757 pelo duque a Sebastião de Carvalho e pelo teor dela se pode, talvez, concluir que o duque chegou a Inglaterra em junho de 1757, isto é, após a execução da sentença contra o almirante Bing e em pleno periodo da dominação de Guilherme Pitt, e, certamente, assistia á: discussões relativas á luta com a França e á aliança com Frederico II.

A segunda carta é escrita de Viena de Austria em 11 de outubro de 1766 e a sua eloquencia dispensa qualquer comentario.

O terceiro documento consta de uma carta de oficio do eminente 2.º duque de Lafões para D. José.

ANTONIO FERRÃO

1.º documento

«Ill.mo e Ex.mo Sr.

«Sahi de Lisboa com tenção de me demorar bem pouco nesta terra; isso disse de Falmouth, e outra vez daqui na minha prim.ª carta a V. Ex.ª, mas como em hum capitulo de reposta de V. Ex.ª li estas palavras *será com tudo bom que V. Ex.ª por ahi se demore hum pouco mais,* entendendo-as á risca, esperei nas seguintes Postas algua clareza, maiorm.te pedindoa eu ao Duque, e com a bella ocasião de hir daqui o Postilhão que podia trazer carta segura (1). Foi m.ta a sua demora, e quanto menos esperada presiza a minha. V. Ex.ª conhece esta gente. Fez ao principio grande bulha a m.ª chegada, e a noth.ª sem fundamento que hoje correu de que eu passava a Alemanha a fazer a campanha, tinha arriegado o semblante da Corte que cada dia fui vendo mais sereno. Continua a curiozid.e de saber se ficarei aqui o Inverno. Elle está á porta, e no pouco espaço de hua breve viage terá chegado a toda a parte.

Pareceme indispensavel ficar ao menos athé os annos del Rey e abertura do Parlam.to, assim o julga o nosso Inviado, que ainda hontem se vio bem apertado no cerco com as preguntas del Rey sobre este assumpto. Para quem se contentava com dois mezes de Londres, bastarão cinco: (Valha S. Fernando o meu engano, se foi engano). Cuido em aproveitar o tempo, mas he presizo ver o mais, e sertam.te sahirei daqui por todo Nov.bro.

Sou m.to obrigado a V. Ex.ª para lhe não dar conta de mim, e meu irmão me recomenda cada vez mais (não era presizo) que lhe seja agradecido.

A repentina retirada dos Russianos he novid.de interçante que ahinda não vem nas Gazetas.

Esta gente para rir basta-lhe menos cauzas, e quando lhe falta divertim.to metem em muzica a convenção de Hanover, e cantão-na na Comed.ª.

Fico em sempre dezejando servir a V. Ex.ª que D.s G.de m.os an.s Londres 4 de 8.bro de 1757.

De V. Ex.ª maior Am.º e obrig.do e fiel,

O Duque D. João de Bragança».

2.º documento

«Ill.mo e Ex.mo Sr.

A quem recorrer senão ao meu Soberano e a q.m melhor recomendarme posso que a V. Ex.ª que se bem athé aqui lhe não pareceu tempo, ou o não achou proprio de responderme sobre os mesmos particulares agora espero quererá favorecelos, vendo q.e a occazião he a mais opportuna, e q.e as circunst.as não deixão nada a dezejar.

O que tantas vezes escrevi a V. Ex.ª como supozição bem fundada acerca do pronto avançam.to que eu poderia encontrar neste serviço, e que talvez concorreria para melhor habilitarme para o sempre dezejado del Rey meu S.r acabada de ser-me confirmado por parte desta Corte, e de maneira a encherme de mayor validade e obrigação.

Sua Mag.de a Imperatriz, depois da conf.ª que mostrou a fazer da m.ª Pessoa convidandome este anno p.ª as duas jornadas de Luxemburg, e ultimam.te o unico Estrang.º entre os poucos Nacionaes que acompan.rão o Imperador á Campanha de Bohémia. Literal e graciozam.te me fez prometer a Patente de general-mayor ao seu serviço, mediante a premição del Rey, e dentro em dois mezes a propried. de hum Regim.to de Cavalaria, e aumentação de Posto. Nestes termos me pareceu necessa.º escrever a V. Ex.ª e dar parte desta nossa distinção imed.te a El Rey meu Sr. como aquelle de q.r me vem toda a honra e consideração.

Rogo a V. Ex.ª que ajoelhado em meo nome ao pé do Trono de Sua Mag.de queira prezentar-lhe a m.ª Carta e beijar lhe a mão: bem entend.º que eu não só não cuido perder, entrando a este serviço, em hum só ponto, a depend.ª das reaes m.ces de Sua Mag.de mas, que com o titulo que mais prezo de ser fiel vassalo conservarei todas aquelas relações honras e prerogativas que mais me destinguem na Patria; a liberd.º de viver aos pés de Sua Mag.de e a de servilo sempre que me for ordenado, sem o que, (e assim o declarei expressam.te) nem eu pudera nem devera convir de algum aumento meu.

Queira V. E. meu am.º e meu Sr. nas referidas circunstancias (e não de outro modo) interesarse a favor de m.ª pessoa, e fazer que me cheguem com a maior brevid.e possivel as ordens de Sua Mag.de, porque a demora da m.ª resposta se não atribua a descuido imperdoavel da m.ª parte ou a menos gratidão. O meu amor proprio se paga de hua distinção tão honradora da p.te de hua corte que tem já

(Continua na pagina seguinte)

(1) Trata-se de uma carta para o 1.º duque, seu irmão, aquêle que, no dizer dos biografos havia morrido tempos antes de D. João de Bragança, deixar Portugal.

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

ECOS

Já ouviram falar na ilha de Houat? Nós confessamos que nem de longe a conheciamos. Pois esse bocadito de terra, ou antes, de rocha, convergindo do Atlantico defronte da pequena peninsula de Quiberon, nas costas da França, está mesmo em via de tornar-se ilustre. Isto, porque no ano de 1894, um dos seus transitorios habitantes—turista voluntario ou involuntario—ali escreveu um romance «O Lidio da ilha de Houat», ainda inédito, mas cujo manuscrito, lido e apreciado pela escritora Marie Le Franc, contém paginas de grande e perduravel beleza. O actual detentor do precioso original vive tambem isolado, numa povoaçãozita, Remis, cultivando—diz Marie Le Franc—«flores etiquetadas de nomes latinos, fazendo medrar eloendros, laranjeiras da China e giestas de Portugal». O que se trata agora é de editar o livro—de autor desconhecido, segundo cremos—que tanta simpatia e admiração tem despertado nos seus dois ou três leitores. Se o aplauso do publico não lhe fôr negado, se o elogio da critica não lhe faltar, a ilha de Houat, especie de Berlenga francesa, macisso de rude granito, sem flores e sem arvores, sem graça, e sem perfume, ganhará foros de lirismo e arte, que ninguem supunha poder descobrir e buscar em tão arida, melancolica e abandonada solidão...

O critico francês Gabriel Brunet diz numa cronica do «Mercure de France» que sempre acolhe «como guloseimas as pequenas revistas de gente moça», e áquelas dedica «uma simpatia apaixonada» ha muito tempo. Tem toda a razão. Nessas publicações em geral efemeras—ás vezes nem passam do primeiro numero—vibra um impeto de novidade, um irrespeito das formulas consagradas, um fervor de arte, que as tornam realmente preciosos factores de dinamismo literario, senão elementos decisivos de beleza futura. Veja-se, por exemplo, a missão que já têm desempenhado e desempenham entre nós «Presença» e «Momento». Permitiram, estimularam a afirmação de valores ineditos e criaram ambiente para mais amplas concepções esteticas. Pena é que não haja todos os dias uma revista de escritores e artistas moços! Sinal era que a actividade construtiva das gerações que despontam para a vida, magnificamente triunfada das preocupações praticas e das dificuldades da luta pela existencia, que tanto as affige e amargura hoje.

O celebre escritor suisso Tobert de Traz publicou recentemente um curioso livro—«O Poder das Fabulas»—que é uma bela e util contribuição para o estudo da alma infantil. A idéa proclamada desse romance psicologico não é talvez nova, mas é apresentada de maneira original e pitoresca. Resume-se no seguinte concerto:—As crianças vivem num mundo fechado, inacesivel aos adultos, e no qual a invenção, as «fabulas», têm um lugar muito maior do que a realidade. Assim acontece, de facto, e assim muita gente o sabe. Não o querem saber, porém, tantos e tantos educadores, ainda agarrados á ferula do velho autoritarismo didatico. Pois recomendamos-lhes a leitura do «Poder das Fabulas», literariamente agradavel, e pedagogicamente instrutiva, na esperança de que se deixem convencer, e abandonem de vez a furia de ensinar meninos como se domesticam feras.

AS CARTAS DE ANTONIO NOBRE

Se Antonio Nobre não tivesse pessoas de familia com quem se cartear durante a sua doença e fôsse um introspectivo, que sentisse a necessidade de registar nas folhas de um caderno, dia a dia, com metódica regularidade, as fases por que ia passando o seu sofrimento, a tortura de cada passo dado na ascensão dolorosa de um calvário longo, é pouco provável, que as notas tomadas tivessem maior sequencia, formassem um todo mais unido e representassem mais importante valor documental do que o conjunto das cartas, recentemente publicadas pelas edições «Presença».

As primeiras cartas trazem toda a sonoridade do gargalhar da juventude. Anto vive na sua torre de Coimbra de cuja janela ele avista a paisagem doce e saudosa do Mondego. Compõe versos, escreve aos amigos. São visões radiosas que ele evoca, banhos de luz e do mar em Leça da Palmeira, vidas de artistas, mulheres amadas. Entusiasma-se por leituras. E' um poeta com laivos de dandismo.

Mas, de um dia para o outro, eis que um medico o avisa de que é um tuberculoso em grau já avançado. A sua alegria emmudece. Disse ele que naquele dia, já não poude tocar na comida. Pobre! Dóra avante todo o alimento lhe saberia a veneno. O rosario de cartas transforma-se num «miserere» feito de dores e de soluços.

Anto desata a correr mundo, fugindo á morte e ela acompanhando-o sempre, cada vez mais perto, envolvendo-o mais e mais apertadamente no afago horripilante do seu manto funebre. Ele morre aos poucos e essas cartas arrancam com mão violenta o sudário que lhe cobria o esqueleto arquejante. Toda a sua decomposição fisica se expõe aos olhos de quem a quere observar e nenhum pormenor se esconde. A uma claridade de agua forte, Anto diz as suas inquietações, a tortura de querer esconder a doença aos olhos suspeitosos dos hospedeiros, as preocupações de dinheiro, as reflexões amargas perante a fuga de amigos que têm medo de se contaminar, as tristesas e o tédio de exilado, as chagas do seu corpo que já não pode sofrer o contacto do leito.

Perante confissões de um caracter tão recondito e tão intimo não é possivel impedir, que á consciencia preguntemos, se será licito lançar á publicidade todos os documentos deixados por mortos ilustres, mesmo aqueles a que tinham ficado presos bocados de alma, pedaços de coração despedaçado e que eles não tinham escrito com esse fim. Não será profanação devassar alguns recantos da vida, que para sempre deveriam ficar secretos?

Há um tipo de intelectuais, cujos papeis, quasi sempre, se podem publicar sem receios de suscitar escrupulos em consciencias delicadas: são os essencialmente cerebrais isto é, aqueles que fugiram a paixões, excepto á da obra a realizar. Nos papeis intimos destes, mesmo quando tenham sido emotivos, existe um pairar acima das contingencias do mundo e da carne, uma atitude especulativa, que dá ás suas cartas e diarios a serenidade de criações do pensamento. E' o caso das correspondencias de Voltaire, de Flaubert, ou do «Diario» de um Delacroix em França. Em Portugal, temos exemplos deste espirito epistolar nas missivas de um Antero de Quental, de um Oliveira Martins e a publicação das cartas de Eça de Queiroz deu materia, não há muitos anos, para um delicioso album de impressão e de serenas efusões de amizade.

Podemos imaginar Antonio Nobre acceitando com agrado a entrega das suas cartas ao publico? Hesitariamos antes de dar uma resposta. O poeta do «Só» não ocultou os seus padecimentos fisicos na trama dos seus versos. Podiamos daí concluir, que ele não se oporia á divulgação da sua correspondencia, que nada mais é do que o relato da realidade de onde sairam os poemas, que ele próprio espalhou pelo mundo em livro. Mas reparemos que esta, com toda a sua sinceridade realista, é uma transposição artistica, a essencia poetica filtrada da realidade: foi esta que Anto confiou aos seus leitores e não a vida em bruto, tal como aparece nas cartas. O espirito volta a estar perplexo.

Mas não merece a pena prolongarmos estas divagações. O publico e a sensibilidade moderna entendem que desde que um artista se crucificou na sua obra, a multidão adquiriu direitos de contemplar o seu corpo nú, estorcendo-se em espasmos no alto do Golgota. Protestamos todos contra o desvendar dos segredos dos grandes espiritos, mas a nossa curiosidade lança-se vorazmente sobre os livros em que sua alma se mantem eternamente viva e ansiosa, enquanto suas cinzas repousam enfim no seio da terra boa e amiga.

VIANA DE ALMEIDA

ALFAMA, *(desenho de Jorge Barradas)*

O duque de Lafões

e o Marquez de Pombal

(Continuação da pagina anterior)

tempo de conhecer me; mas eu sei que nada devo obrar sem a deciziva determinação del Rey meu Sr. e o seguro expreço de que nisso lhe agrado. A rezolução de Sua Mag.de (não tendo aliaz outra coiza aqui que esperar), me servirá de regra para o que devo obrar, ou determinará o meu retiro imediatam.te para o Reyno, a honde, como em toda a parte, me achará V. Ex. m.to pronto para tudo o que for do seu serviço.

D.s G.de a V. E. m.tos an.s como dezejo.

Vienna d'Austria 11 de 8.bro de 1766.

De V. Ex. maior am.o e mais fiel,

O Duque D. João de Bragança».

P. S. Peço a V. E. seja servido desculpar na prezença del Rey meu Sr. os defeitos (talvez faltas) em que por descuido eu encorresse na m.a carta, de que envio a V. E. coppia, e que com esta occazião procure lembrar a Sua Mag.de a prometida m.ce das com.das que vagarão por meu Irmão; por que em qualquer cazo, eu possa viver com a decencia q. convem ao meu appelido, e cuidar, emfim, em perpetuar hua caza flism.te honrada com elle. Tudo espero da amizade de V. E.».

3.º documento

«*Senhor*

A Imperatriz Rainha, que sempre tem continuado a honrarme e distinguirme em virtude da Real recomendação de V. M.; depois que este anno foi servida convidarme para as duas jornadas de Luxembourg, e ultim.am.te o unico Estrangr.o que acompanhou o Emperador ao campo de Bohemia; do seu moto proprio me faz segurar (precedendo primeiro a permição de V. M. para eu entrar a este serviço) a Patente de General Major, e, em breve, a propriedade de hum Regim.to de Cavaleria e aumento de Posto.

Certo estou que nem pertender, nem dezejar devo hua tal graça sem o beneplacito de V. M. Mas com a relevante comprehenção de V. M. pode talvez descobrir nesta distinção não commua feita ao seu recomendado, algua qualquer que ella seja, utilid.e do Real serviço; conservando eu com a inteira dependencia das Reaes m.ces de V. M. e as mais prerrogativas que tanto me acreditão no Reyno, a liberda.e de viver a seus pée e a sobre tudo incomparavel honra de contarme sempre entre os fieis vassalos de V. M. hum dos mais submissos e zelozos.

Postrado aos pés de V. M. espero de sua Real benevolencia em todo o tempo uzada para comigo, seja servido ordenarme se devo, ou não devo dar hum passo em que tanto parece intereçar a m.a Pessoa; pois que, ofrecendo ao Publico hua prova mais e nada equivoca de que o meu procedim.to e aplicação não desmereceu athé agora a protecção de V. M., de novo me deixa a esperança conçoladora de q.e ella me será continuada, e a de poder ahinda felism.te empregarme no seu Real serviço.

A m.to alta e m.to poderoza Pessoa de V. M. G.de D.s m.tos an.os como seus fieis vassalos dezejamos, e havemos mister.

Vienna de Austria 11 de 8.bro de 1766.

O Duque D. João de Bragança».

T. S. F.

Porquê ficar com um aparelho que já não satisfaz?

Qualquer que seja a sua marca aproveite a oportunidade de o poder substituir, em boas condições, por um moderno PHILIPS.

O seu aparelho antiquado será valorizado por um minimo de Esc. 300$00.

Esta oferta é valida por todo este mez.

Dirija-se hoje mesmo ou telefone á:

CASA DOS DISCOS
Rua Eugenio dos Santos, 59
Telef. 2.4714

Automoveis sem chauffeur
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

Dez minutos

com Amelia Rey Colaço

Vai-se representar «A Castro», de Antonio Ferreira, depois de amanhã, á noite, no adro do Mosteiro de Alcobaça.

Amelia Rey Colaço consubstancia o espirito desse espectaculo. Interpreta a figura principal. Dirige desde a primeira hora, os ensaios, com o maior dos entusiasmos. Ha muitos anos que sonha com a sua realização. Era mesmo um dos seus grandes sonhos de artista, e de mulher inteligente e de bom gosto. Vai realizá-lo.

Dez minutos de conversa com Amelia Rey Colaço estavam pois indicados. E fomos em busca deles.

Para os conseguir, foi uma dificuldade. Mas não por sua culpa, diga-se desde já, que afavel, amabilissima, se dispôs logo a ouvir-nos e a falar-nos. A culpa tinham-na os telefones, os mensageiros de toda a especie com recados e preguntas, carpinteiros que vinham bater á porta do «Foyer», mais um telegrama, um papel a assinar, uma visita a receber...

—Nunca assinei tantos papeis, na minha vida! São requerimentos, a todo o instante —licenças e mais licenças. Ninguem calcula o trabalho que este espectaculo me tem dado!

Uma telefonadela. Pausa. Observamos-lhe, depois, que era assim mais consolador o triunfo, ao cabo de tanto esforço.

—Ah! Sem duvida. E bem o espero, e digo-o, sem vaidade, bem o mereço.

Desenrola-nos o sonho. Como e quando ele nasceu. As primeiras tentativas...

—As representações de «A Castro», no ano passado, aqui, no teatro Nacional, já visavam esta finalidade: a sua repoeição, mais tarde, no cenario proprio, no Mosteiro de Alcabaça.

E vem a maravilha dos trabalhos prévios, tateios a varias entidades para vencer os primeiros obstaculos, estudo da parte financeira...

—Não pode calcular, nem por sombras, as despesas que esta idéa me acarretou...

Um telegrama. Pedido de 100 bilhetes para Coimbra.

—Mas vai ter a compensação.

—Deus o oiça.

De certo o espectaculo, ha-de ser...

«Eu já representei «A Castro» ao ar livre, sabe? Em casa daquele inolvidavel e bom Vicente Pinudeta, na serra da Estrela, num terraço aberto sobre a paisagem. E que publico escolhido ali esteve! Convidados apenas, claro está—poetas, artistas, a melhor gente do país...

E sorrindo, a fornecer-nos uma noticia curiosa:

—E tambem já se representaram os amores e morte de Inês de Castro, em Alcobaça. Duma vez, ha muitos anos...

Busca entre papeis, um livrinho: *Alcobaça e Batalha*, de W. Beckford. Abre-o, e lê, algures:

«Esta noite, pela graça de Deus e especial permissão do D. Abade Geral Esmoler Mor, Senhor dos Coutos e treze vilas, Fronteiro Mor, Senhor Donatario, etc., será representada a cruciante tragedia de Dona Inês de Castro e o cruel assassinato daquela adoravel senhora e de seus inocentes filhos...».

—Tambem os filhos!!...

—Oiça, que ainda tem mais graça.

E continua:

«...Será representada no palco do claustro. O papel de Dona Inês é feito...

Estende-nos o livro. Lemos por nossa vez:

...é feito pelo sr. Agostinho José».

—Agora sou eu, diz-nos Amelia Rey Colaço, rindo, quem o vai fazer. E quere-me parecer que o farei melhor. Não acha?

UMA NOVELA

Matinas dum velho enamorado

por Aquilino Ribeiro

«Este quarto está cheio do meu passado. Dormi aqui ás temporadas, anos a fio. Tão longe regresso nele que, ao transpôr a porta para dentro, sinto como que a sufocação produzida por vertiginosa queda de muito alto. Encontrei-o tal qual o deixei ha vinte para vinte e cinco anos. E' um quarto encantado de *Siebschlafer*. O *Siebschlafer* é isto que eu fui, existe apenas na representação, minha e não sei se de Luzia. E apesar de assim outro-mundo, simultaneamente etereo e salitroso da luxuria cerebral que me possuia, tem mais vida que o coloide que eu sou, levado por subtilissimas reacções a redigir á banca, 11 da noite, mais um apagina do meu futil diario. Recuado no tempo, este quarto reveste um cunho acentuado de mausoléu. Não que a sua janela geminada, com vista para Sueste, não deixe entrar á farta o incenso dos prados e o deslumbramento dum ceu alto, branco e sem fundo, proprio do cume dos montes. Mas os moveis são os mesmos. Lá está a antiga secretaria de acaju em que escrevi paginas esperançadas, as cadeiras de palhinha, um pouco hirtas e vulgares, mas com a cordialidade acolhedora do seu ar velhinho, a poltrona de repes com florinhas amarelas, a murchar no seu fundo verde de pradaria, o catre de olho de perdiz, e no marmore do fogão, debaixo de redoma, aquele absurdo relogio de alabastro que ha seculos não dá horas, em dois anjos na ponta do pé e de tuba na boca, sobre plinto tambem de alabastro, de guarnecimento. E até na parede lá está o Senohr dos Passos, de Bartolozzi, e adiante, para quebra de morigeração, em estancia de natureza profana como é o quarto de hospedes, a gravurinha anonima do seculo XVIII, representando uma rapariguinha de seios tumidos e labios de polpa mais apetitosa que morangos a atirar beijos ao cavaleiro que passa. Admiro-me no grupo fotografico que tem o supedaneo do relogio como encôsto, eu á frente, Luzia a meu lado, no segundo plano. Recordo-me que no acto de se fazer a fotografia, ela procurara esquivar-se á minha proximidade, como se cometesse um pecado. E resignando-se a ficar á minha espalda, ei-la deliciosamente de esguelha, quasi cómica, em atitude de espreitar por detrás do meu ombro. Esta penumbra de que sistematicamente procurava cercar-se, diante da objectiva e em circunstancias iguais, era a demonstração do seu genio recatado e modesto. Constança, pelo contraio, buscava a primeira plana no desafio á notoriedade. Aqui está ela longe de mim, eu por meu turno tão longe dela que sempre me custou acreditar sermos casados. Eu tenho o ar petulante, pedaço de asno, para me impôr a Luzia.

Olhando para o passado, quedo-me enamorado da distante criatura que fui. Depois caio em mim, velho coberto de cabelos brancos, e involuntariamente a mão se ajeita em garra para lavorar o seio. O', maldito seja o tempo! Maldita a eternidade que tudo tira e tudo devolve ao pó!

Depois da fotografia que me levou a blasfemar da existencia, repito com enternecimento que debaixo da cama espreitam aqueles pantufos de tapete que eu calçava e, se não esses, outros. Com que candura esta Luziazinha engenhou dar-se a ilusão de que a vida se pode fazer parar por actos semelhantes aos dos conservadores dos museus!

Afinal que vim eu fazer a esta mansão de sombras? Bah, vim procurar a minha felicidade ou antes o cadaver da minha felicidade. Pois que anda o homem a fazer desde o berço á cova, seja cavador ou filosofo, odioso ou trasbordante de simpatia humana, senão procurar a felicidade?! A felicidade ou cumprimento do mandato imposto por leis tuteladoras, quer do individuo quer da especie. Sim, vim para isso, para o meu mundo sonhado: Luzia. Mas a minha Luzia de ha vinte e cinco anos morreu. Onde está o seu belo sorriso que parecia, como Deucalião, infundir tenura nas proprias pedras, e aquele olhar, tão primitivo e ao mesmo tempo tão fascinador que nos virava a alma como se vira a luva que se despe com certa brusquidão?... nde vai aquela linha estatuaria, erecta sôbre o tacão alto do sapato azul—estou a vêla—que nem uma coluna na avançada das Propileias?... e aquele seu tronco flexivel de *fausse-maigre* serpente, felino, agua a correr, que trasmudava em inferno os meus desejo?... E aquela bôca robusta que tudo prometia á voluptuosidade, para beijar a qual eu arquitectei projectos sobre projectos, mais loucos uns que os outros, comicos estes que fariam piedade, tão atrevidos aqueles que roçariam pelo crime?...

Tudo se vai degradando no caminho para a morte. Esta verdade é extensiva a todo o universo e todavia o finito da beleza comove-me mais do que o finito da terra. Bem sabia eu que a par do desgaste de que é susceptivel o bronze Luzia era transitoria como o sulco que deixa no ceu o vôo duma andorinha. Mas que imaginação de amante se resigna ao efemero? Afinal, o mundo é acima de tudo fantasmagoria. Foi dum olhar de Luzia, olhar que exprimia tudo o que se podia dar á vida e pedir á vida, eu o supus, pelo menos, que nasceu este insensato amor. Que tal olhar brotasse do fundo do seu ser de modo a poder considerar-se promessa universal—duvidei muitas vezes. Mas lôgro dos sentidos ou a mais falaciosa das ilusões, não importa, dele brotou a flora monstra que se desenvolveu no meu seio. Tão monstra que asfixiou os mais sentimentos de humanidade. Da mesma maneira que o mundo provém da chamada nebulosa de Laplace, e a nebulosa, por sua vez, de ponto infinitesimal, assim o meu amor. Fortuito, ou carregado de criação, aquele olhar engendrou essa minha tremenda vida interior, vasta, confusa, complexa como o universo em despeito da sua inextensibilidade. Resta apenas apurar, com risco de derrancar a velhice, o que me quizeram dizer os olhos doces de Luzia, certo dia fitos em mim: se interesse, se coisa alguma; se falavam sério ou riam.

Em ultima analise tudo no mundo é ilusorio; ilusorio não nos primeiros planos, mas para lá da perspectiva; ilusorio, se não hoje, amanhã; ilusorio, não na minha primavera, mas na minha velhice; não na vida da terra, mas no universo; ilusorio no proprio ilusorio. Poderia deixar de haver desencanto no amor?

Sem duvida que o que constitui a realidade sensivel, ou seja em certas criaturas uma fisica especiosa, é pouco em face da obra do espirito, ou o ideal de que as veste a imaginação. Mais vale o desejo do que o prazer, a esperança de amor do que o proprio amor, a super-realidade filha da ficção do que o real filho da natureza. E o homem é infeliz porque confere ao material uma importancia que não merece. Que mal teria havido para o mundo que Luzia e eu nos tivessemos farto dos belos manjares da voluptuosidade? A verdade é que o pior mal reside no pensamento. Semelhante comercio teria de fazer-se ás escondidas do mundo; e que tinha isso? A cada passo, a cada viragem dos caminhos, o homem de inteligencia e de sensibilidade é obrigado a defender-se pela hipocrisia da censura do semelhante e da pestilente moral dos maiores. Nem ha outro proceso para o espirito poder iludir Caliban.

E' quasi meia noite. Paredes meias com este quarto, oh, paredes mestras, dorme Luzia. Quantas vezes me deu a gana de forçar a porta e ou por suplicas e lagrimas, ou razões e blandicias, ou ferocidade e decisão, cumprir o mandato que o instinto, as fibras todas do meu ser, a logica que preside á minha existencia e equilibrio no mundo, me dizem ser legitimo e tão natural como beber um copo de agua em sociedade assente nos seus veros alicerces!

De espirito para espirito, penso eu, devem exercer-se leis de harmonia e reflexão semelhantes ás que regulam em seus orbes as esferas celestes e as vinculam umas ás outras. Já isto ocorre com os atomos na ordenação dos corpos. O mundo todo é sinfonia. A orbita espiritual de Luziazinha está em conjugação com aquela que traça o meu espirito. O meu espirito e o dela conhecem-se, vêem-se, pois que no seu campo ha de certo mais claridade que na atmosfera dum astro. Compreendem-se, ia jurá-lo; sempre se compreenderam; se com humilde sinceridade, de olhos nos olhos, fizessemos confissão, nada acrescentariamos ao que cada um conhece do outro. Estou persuadido que ha cerca de vinte e cinco anos o desejo, um desejo latente como a resina nos pinheiros, abrasava tanto o corpo de Luzia como o meu. Porque desperdiçamos a hora inefavel? Porque não tivemos a coragem de nos entregar aos impulsos da vontade, a nossa divina vontade?!!

Trespassado de melancolia, maldizendo da cadela da vida, torno a pegar do grupo fotografico em que a figurinha de Luzia sobresai simples, grave e sempre deliciosa entre caras anonimas, cheias duma felicidade vulgar. Que me dizem os seus olhos?... Que fez uma dificil e grata concessão... mas sem sequencia, em ficar ao pé de mim. Dizem ainda contradictoriamente, pois que nada é geometrico na alma, que vinte, vinte e cinco anos volvidos, as proprias lagrimas que os nossos olhos venham a verter sobre um passado ôco e sem sentido já, não serão nada a agua amarga, a agua salgada do tôrvo e batido mar.»

AQUILINO RIBEIRO

POETAS MODERNOS

DUAS LUTAS

(A um dilettante da Guerra)

Tu adoras a luta, eu luto p'ra viver;
tens o instinto da guerra, o instinto que eu guerreio;
comes para lutar e eu, para não morrer;
fazes da luta um fim, faço da luta um meio.

Paladino feroz, só queres combater
com suprema violencia e com doentio anseio;
só pensas em matar quem te quiz otender;
entre a vitima e a ofensa eu procuro o permeio.

Eu hostiliso só a força vil e bruta,
tu persegues o Ideal — quimera estremecida! —
assim como o verdugo as penas executa . . .

Quem de nós deve ter vitoria merecida?
Tu, que queres viver na luta pela luta
ou eu, forçado a entrar na luta pela vida?

Santos Vieira

PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

João de Castro Osorio

num largo estudo faz o processo literario do ultimo seculo

O sr. dr. João de Castro Osorio é das figuras mais brilhantes da geração de novecentos. Inteligencia aguda, duma penetração extraordinaria, cultura humanista, repassada de sensibilidade, energico e corajoso na analise do fenomeno literario, ele tem-se revelado um ensaista de invulgares qualidades criticas.

Houve mesmo um momento, em que João de Castro Osorio foi o centro duma interessante falange literaria. Data desse tempo, a revista Descobrimento, *que alguma coisa, de facto, de inédito e de maravilhoso revelou á mentalidade portuguesa. Poeta, os seus versos são assomos de alta e transcendente espiritualidade. Ha neles, não o lirismo banal do romantismo, mas a procura filosofica, a inquietação interior, o anseio penetrante de ascender até a verdade implacavel, mesmo que seja em gritos de tragedia.*

Como ensaista, já o dissemos, o dr. Osorio de Castro marca uma posição de vanguarda Esta sua resposta ao nosso inquerito literario é um verdadeiro estudo, ou antes, o processo da sua geração, traçada com escrupulosa imparcialidade. O depoente quiz fazer alguma coisa de completo, de total. Eis o motivo por que a sua resposta tem de ser dividida em mais dois artigos.

Eis o primeiro:

Para responder ao seu inquerito, com a compreensão exacta do enorme problema que ele nos propõe, vêr-ma-ei obrigado a analizar consigo, num rapido panorama a evolução das gerações dentro da literatura portuguesa contemporanea.

Antes, porém, deixe-me dizer-lhe que o seu inquerito é não só claro e inteligente mas de uma oportunidade flagrante. Porque ele vem no momento em que se começou afirmando uma nova geração—a de 1930.

Pertencendo a essa geração julgo maior a minha responsabilidade nesta resposta.

E por isso me vejo obrigado a fazer, embora panoramicamente, o estudo da evolução da literatura contemporanea. Só assim resultará clara a verdade de um rejuvenescimento, ou melhor, de uma forte afirmação de valor da nova geração.

Creio que poderei sintetizar o intuito do seu inquerito neste problema que nos propõe: a literatura portuguesa contemporanea revela uma decadencia, uma crise ou um rejuvenescimento e afirmação de valor?

Este problema pressupõe uma definição do que seja uma literatura *contemporanea.*

E a esta definição só se chega com uma noção que não é corrente, que eu saiba, em Portugal—a noção das gerações espirituais.

Sem ela só se definem *escolas literarias,* caindo-se na errada noção de uma literatura continuamente revolucionada por combates de *grupos* e *partidos* literarios, chegando-se ao exagero de só se reconhecer valor aos periodos em que esses combates de partidos literarios são mais acêsos, o que não é sempre, nem sequer habitualmente, verdadeiro. Ou então, á falta de definição de *escolas* e *partidos,* cai-se no exagero de afirmar apenas valores individuais.

Nem uma nem outra noção nos servem para este caso, que só a noção de geração pode definir com clareza.

E porque, com ela, se não estudou ainda a literatura portuguesa contemporanea, procurarei indicar a evolução das gerações literarias dentro dela. Indicar apenas, com os erros e as omissões que essa indicação sumaria comporta, porque o seu estudo requere um livro inteiro, que é possivel venha a fazer, ou que alguem um dia fará.

Designarei cada geração literaria, á falta de um nome de conjuncto (quasi sempre perigoso) pela data do ano á roda do qual os seus componentes perfazem 30 anos, isto é, entram na fase de plena afirmação das suas qualidades. Não esqueço, porém, que ha em cada geração retardatarios e precoces —sem que nem uma nem outra palavra definam nem uma qualidade nem um defeito.

E porque não é indiferente a nossa era, uma geração literaria em cada dez anos.

E porque nã oé indiferente a nossa era, marcarei esses periodos com referencia a ela não a qualquer acontecimento, por maior que seja, ou por maior que a nossa ilusão de momento o considere.

E de tudo isto, desde que não nos esqueçamos que ha perpetuo encadeamento e nunca separações periodicas, resultará a definição clara da marcha da literatura portuguesa contemporanea e assim, e só assim, poderá, com justiça, julgar-se se ha decadencia ou manifestação de vida, se as gerações modernas revelam a existencia de uma crise ou de um rejuvenescimento.

Evolução das gerações na Literatura Portuguesa Contemporanea--As gerações consagradas: as de 1870; - 1880; 1890 e 1900

Com um longinquo precursor (o Garrett das obras mais pessoais) com um directo precursor em intuição lirica—João de Deus —a literatura portuguesa contemporanea abre-se pela geração de 1870—com Antero, Teofilo Braga, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, e com um retardatario que com ela agrupou e não sem grandeza—Ramalho Ortigão. Com ela deverá tambem agrupar-se o nome de Julio Diniz, de realização e morte precoces e por isso com diferenciação aparente embora de iguais caracteristicas profundas.

Ninguem discute já o valor dessa geração, tão grande como as maiores de toda a nossa historia literaria.

Consignemos por isso que a literatura contemporanea tem por iniciadora uma grande geração. Que daqui pudesse vir a resultar uma decadencia já seria coisa de si absurda, porque a evolução da literatura e o valor das gerações não é nunca um mero acaso, embora tenha, como a vida, muito de contingente.

Ninguem discute tambem já a geração *de 1880*—com os nomes de Cesario Verde, Gonçalves Crespo, João Penha, Guerra Junqueiro e Gomes Leal na poesia e o de Teixeira de Queiroz (ainda não colocado no alto lugar que merece) no romance. E tanto se não discute o seu valor que até para muitos já é confundida com a anterior.

A discussão e o desconhecimento começam a partir da geração *de 1890.*

Ainda hoje esta geração tem representantes nobres e altos representantes, vivos, entre nós.

O publico desconhece-os, a critica sábia não os estuda, a inveja nega-lhes o alto valor que têm.

Deve dizer-se, em abono da verdade, que tambem os homens dessa geração não souberam definir-se em conjunto. Será caso para o fazer um dia a minha geração para a qual a justiça não é uma palavra vã. Porque os homens de 1890 não o fizeram, na verdade, como deviam.

Deixaram cair no mais total desconhecimento a figura do seu grande lirico do sentimento—Antonio Fogaça—admiravel poeta do qual as *Orações de Amor* podem figurar sem desdouro ao lado dos grandes poetas da nossa *Antologia.*

Não reivindicaram o nome de um dos maiores prosadores portugueses, no entanto, tão claramente marcado com o caracter proprio da geração de 1890—Fialho de Almeida.

Esqueceram-se que lhes pertencia, ainda mais caracteristicamente, o grande Wenceslau de Moraes, o proprio critico das gerações anteriores, Moniz Barreto, o que era desculpavel, porque morreu cedo, e, sem a mesma desculpa, tambem Sampaio Bruno, Basilio Teles, o romancista Abel Botelho.

A estes nomes citados acrescentaremos o dos poetas Antonio Feijó (grande entre os maiores) Luiz de Magalhães (injustamente esquecido e na verdade grande poeta) João Saraiva (que suponho poder enfileirar nesta geração e que equivale nela, mas, para mim, com mais altura, a João Penha na anterior) e os de Manuel da Silva Gayo e Coelho de Carvalho poetas e pensadores.

Se nos lembrarmos que a obra de Antonio Feijó pode emparceirar com a dos maiores liricos até hoje (por mim não o reputo inferior a João de Deus e já lhe fiz a merecida justiça); se nos lembrarmos de dois grandes poemas *Dom Sebastião,* de Luiz de Magalhães, e *Chave Dourada,* de Manuel da Silva Gayo, e dos poemas de largo folego construtivo de Coelho de Carvalho, poderemos afirmar com justiça e verdade que houve decadencia?

Acrescentem-se, aos prosadores citados, os nomes de Trindade Coelho como novelista, de Manuel da Silva Gayo, como ensaista, e de Jaime de Magalhães Lima, grande e lucidissimo prosador e renovador de idéas e sentimentos, felizmente ainda vivo, mas sem a gloria que merece—e diga-se, com justiça, se esta geração revela uma decadencia?

Decadencia com os nomes de Fialho, de Wenceslau de Morais, de Antonio Feijó e de Manuel da Silva Gayo e a precocidade lirica admiravel de Antonio Fogaça? Decadencia? Só pela muito boa vontade *portuguesa d denegrir tudo o que é nosso.*

A justiça á geração de 1890 tem de ser feita por nós, para impedirmos que se estabeleça um corte na evolução da literatura contemporanea e nos ponham em oposição com a geração iniciadora.

Fez-se mais justiça a alguns nomes da geração de 1900, mas no seu valor de conjunto ela ainda é menos compreendida e a critica dos seus valores absolutos e relativos está por fazer.

Citemos, porém, alguns dos seus nomes, alguns deles só mais tarde revelados ao publico: na poesia Antonio Nobre, Alberto Osorio de Castro, Camilo Pessanha, Paulino de Oliveira, Eugenio de Castro, Julio Brandão. Na prosa literaria a extraordinaria figura de Raul Brandão, na critica, as lucidas inteligencias construtivas de Ricardo Severo, José de Figueiredo e Agostinho de Campos. E' decadencia? Decadencia com o extraordinario Raul Brandão, com os liricos, iguais aos maiores de qualquer epoca, Camillo Pessanha e Antonio Nobre, por exemplo. A critica dessa geração está de facto por fazer, mas o que verificamos desde já, pela simples enunciação dos seus valores agrupados em geração, sem tendenciosas separações, é que não ha decadencia, mas valor criador e continuidade na evolução da literatura portuguesa contemporanea.

São, aliás, as gerações de 1890 e 1900 as que pela sua idade deveriam estar em plena consagração. E alguns dos seus valores o estão.

Suponho que, apesar de muito desconhecimento, não é a estas duas gerações que se referem os varios velhos ou novos Jeremias que afirmam a decadencia da literatura portuguesa.

UM LINDO ROMANCE

"A Fidalguinha da Levada"

A Fidalguinha da Levada *é um lindo romance, claro, fresco, sentimental e idilico. Lê-se com agrado, de tal maneira a narrativa, suave e doce, fio de agua a correr, prende a nossa atenção, pondo-nos em contacto com meia duzia de figuras de bom talhe e caracter português.*

O seu autor, o sr. general Alexandre Malheiro, que tão calorosamente foi, como escritor, saudado por Abel Botelho, merece a justa homenagem que lhe prestamos hoje. E', na verdade, um interessante temperamento literario, na posse plena de todos os segredos da tecnica do romance. A nova edição da Fidalguinha da Levada *prova, exuberantemente, o interesse que o publico lhe tem dispensado.*

Num dos recantos mais pitorescos do Baixo Minho, na parte em que esta luxuriante provincia, avizinhando-se já de sua limitrofe Trás-os-Montes, participa da denominação generica de Valdo-Tamega, feracissima zona banhada pela melancolica corrente de que lhe provém o nome e lhe resulta da fertilidade, assentava, majestoso, no alto de uma breve colina, o velho solar de uma antiga e prestigiosa familia, a que a heraldica indigena havia concedido largos foros de nobreza.

Casa da Levada era a denominação pela qual, nalgumas léguas em redor, se tornara conhecida aquela habitação solarenga, cujos tectos a disposição especial do terreno circunvizinho permitia avistar a grande distancia, erguendo-se como um reduto, de entre um macisso de arvores seculares, de onde irrompiam, como enormes zagaias, alguns esguios ciprestes, que, excedendo o vastissimo e regular copado do arvoredo, perfuravam o espaço numa altura de muitos metros.

Para trás desta casa estendia-se, solidamente murada, em todo o seu longo perimetro, a opulentissima e bem grangeada quinta, com a sua mata, os seus pomares, as suas extensas veigas, exuberantes de vegetação, assumindo a forma aproximada de um grande trapezio, de que a base menor distava cêrca de cinquenta metros da fachada principal do edificio, depois de, em frente deste, se recurvar, numa pequena reintrancia ou segmento de circulo, que se interrompia a meio do arco, para dar lugar á entrada principal, onde se erguia um elegante portão de ferro de grandes dimensões.

Para um e outro lado desta entrada, encimando vistosamente o muro da quinta, estendia-se uma balaustrada de granito, que, nos quatro angulos do traçado, se avançava em pequenas varandas arredondadas e cobertas superiormente em caramanchão, que a ampla ramagem das mimosas guarnecia, debruçando-se depois em pesado chorão, para o exterior.

Transposto aquele portão, achava-se o visitante da formosa quinta em presença da casa do guarda, que, no intuito de anunciar qualquer visita, fazia, segundo instruções recebidas, soar três fortes badaladas numa sineta, que, ao alcance da mão, se achava suspensa de um suporte metalico, solidamente cravado na cantaria de uma parede.

Deste ponto, através do verde-negro de uma infinidade de japoneiras e outras arvores de luxo, que, crescendo por entre frondosos canteiros guarnecidos de murta, povoavam o jardim, podia então vêr-se a fachada principal do grande solar, como um enorme rectangulo alvadio, solidamente emmoldurado em musgosas e denegridas massas de granito.

Nenhuma especie de estilo arquitectonico presidira, ao que supômos, á construção desta casa, que obedecia, mais ou menos, ao modelo caracteristico dos solares da maioria dos fidalgos portugueses, residentes, especialmente, na parte do país compreendida entre Minho e Douro.

Um primeiro andar ou andar nobre, de amplos salões voltados para a frente, onde se abriam numerosas janelas ogivais, guarnecidas de sacadas, com os competentes balaustres de pedra. No andar inferior, especie de rez-do-cão, em que se abria igual numero de janelas, eram estas protegidas de um ligeiro gradeamento de ferro, que, descendo verticalmente até meia altura de cada janela, avançava depois em pronunciada curvatura para o exterior com o duplo intuito de preservar os seus habitantes dos frequentes roubos que, outrora se praticavam, ao mesmo tempo que lhes permitia debruçarem-se nelas, olhando livremente para o exterior.

A entrada no edificio efectuava-se por um amplo portão, em que um primeiro lance de escadaria era precedido de um grande vestibulo de entrada, com portas, dando lateralmente para as casas do andar terreo.

Seguidamente a um largo patamar, repartia-se esta escadaria em dois lances simetricos que, simultaneamente, davam acesso para os salões.

Imaginem os leitores uma elegante capela, junto de uma das faces laterais do edificio, com o qual comunique por um pequeno corredor, especie de galeria envidraçada; coloquem na frente desta capela um bem esculpido brazão de familia; encimem a elevada cornija do edificio de uma elegante fiada de ameias, e terão assim, a largos traços, a descrição do famoso solar da Levada, principal teatro dos acontecimentos que nos propuzemos narrar-lhes.

A denominação por que este pequeno Eden se tornara conhecido, provinha-lhe de um riacho que, serpenteando brandamente ao longo de misteriosos e extensos vales, alcatifados de verdejante relva, se represava finalmente, em sitio apropriado, num vasto açude, a fim de distrair parte das suas aguas, durante o estio, em dôce levada para as veigas distantes e seguiosas, como um balsamo salutar de que lhes resultava a vida e a frescura.